

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Pós-graduação em Estudos da Tradução

**Análise da tradução do espanhol para o português
de textos jornalísticos na mídia impressa no Brasil**

José Guillermo Culleton

Florianópolis

Junho de 2005

José Guillermo Culleton

Análise da tradução do espanhol para o português
de textos jornalísticos na mídia impressa no Brasil

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Composta pela banca examinadora de
dissertação de mestrado:

Prof. Dr. Philippe Humblé - orientador

Prof. Dra. Silvana Serrani

Prof. Dr. Walter Costa

Agradecimentos

Meus agradecimentos a todos aqueles que, de uma maneira ou outra, me apoiaram e encorajaram.

E, especialmente,

À Janice, meu amor, amiga, companheira de todas as horas e maior incentivadora para enfrentar este desafio.

Aos meus irmãos, Alfredo e John, pelo apoio incondicional e confiança.

Ao Lucas, filho querido, esperança de amor.

À Universidade Federal de Santa Catarina, pela oportunidade e o espaço concedido.

Ao professor Dr. Philippe Humblé, meu orientador, pela orientação segura, pelo apoio sem limites, exemplo de profissionalismo e competência.

Aos professores componentes da banca, pela atenção.

“Há traduções cheias de boas intenções que são quase falsificações, porque banalizaram involuntariamente o texto, não sabendo exprimir-lhe o movimento corajoso e alegre, que gosta de transpor com um salto os perigos das coisas e das palavras”.

Friedrich Nietzsche, filósofo

Índice

Introdução.....	8
1 – Marco teórico.....	14
1.1 – Principais procedimentos de tradução	14
1.1.1 – Tradução literal.....	14
1.1.2 – Adaptação	15
1.1.3 – Compensação.....	18
1.1.4 – Explicitação	19
1.1.5 – Paráfrase	21
1.1.6 - A equivalência - Bassnett-McGuire.....	22
1.1.7 – Colocação – John Sinclair	25
1.2 – O texto jornalístico	28
1.3 – A tradução jornalística.....	29
1.3.1 - Jornalista como duplo tradutor.....	31
1.3.2 - Características da tradução jornalística.....	32
1.3.3 – Fatores de influência na tradução jornalística	36
1.3.4 – A transposição cultural na tradução de textos jornalísticos.....	38
2 – Análise e classificação das diferenças na tradução de textos jornalísticos.....	49
2.1 - Análise dos dados apontados na classificação	75
2.1.1 - Adaptação.....	76
2.1.2 - Erros	79
Conclusão	81
Referências bibliográficas	87

Anexos.....89

Resumo

As traduções de textos jornalísticos têm características únicas que as distinguem de outras traduções. As particularidades da atividade jornalística, como a pressa e o imediatismo, influenciam na transposição de reportagens de uma língua para outra. A presente pesquisa analisa e classifica os desvios mais frequentes existentes nas traduções de textos jornalísticos do espanhol para o português, produzidas na mídia impressa brasileira, a partir do estudo de textos publicados entre 2004 e 2005 nos jornais *Diário Catarinense* e *Folha de S.Paulo*.

Palavras-chave: jornalismo, tradução jornalística

Abstract

The translation of journalistic texts has unique characteristics that distinguishes it from any other kind of translation. The haste and immediacy of journalistic activities influence the transposition from one language to another. The present research analyses and classifies the most frequent ‘deviations’ in the translation of journalistic texts from Spanish to Portuguese, produced in Brazilian press media, by the study of texts published in 2004 and 2005 in two Brazilian newspapers: *Diário Catarinense* and *Folha de S. Paulo*.

Key words: journalism, journalistic translation

Introdução

Parte das matérias publicadas diariamente nos jornais brasileiros é originalmente escrita em língua espanhola. Os veículos de comunicação recebem os textos através das agências de notícias internacionais e os traduzem para o português.

Dentro desse contexto, o presente estudo visa a analisar esse tipo de tradução, feita nos veículos de comunicação impressos. Para objeto deste estudo foi escolhida uma mídia local, o jornal *Diário Catarinense (DC)*, e uma nacional, o jornal *Folha de S.Paulo (FSP)*. O primeiro publica matérias jornalísticas traduzidas do jornal *La Nación*, da Argentina. Já o diário paulista utiliza textos do jornal *El País*, da Espanha, cujas traduções estão disponibilizadas na Internet, no sítio da UOL (www.uol.com.br).

Serão analisadas dez traduções: cinco do *Diário Catarinense* e cinco da *Folha de S.Paulo*. As matérias jornalísticas foram publicadas em 2004 e 2005 e o seu critério de escolha foi diferente para os dois jornais. Por inexistir uma periodicidade fixa para a publicação, os textos traduzidos do *DC* foram recopilados aleatoriamente quando apareciam nas páginas do jornal. Já no que diz respeito ao jornal paulista, no qual há uma maior frequência de textos traduzidos, foram escolhidas as matérias buscando a variação dos assuntos. Procurou-se diversificar os temas: esporte, política internacional, terrorismo e comportamento.

Os dois jornais têm metodologias diferentes para traduzir os textos. A tradução no *DC* é feita por diversos jornalistas de diferentes editorias, de acordo com o tema abordado pelo texto original. Esse profissional da imprensa que faz as traduções nos jornais será chamado neste estudo de ‘jornalista-tradutor’. Embora a maioria das reportagens do *DC* analisadas nesta investigação tenha sido publicada na Editoria de Variedades, que tem o seu foco em

cultura geral, cinema, livros e teatro, eventualmente as editorias responsáveis por outros assuntos, como Esportes e Mundo, também traduzem textos oriundos do jornal *La Nación*.

No *DC*, o jornalista faz as vezes de tradutor improvisado, sem ter nenhuma preparação profissional para cumprir esta atividade. A função original deste jornalista-tradutor é a produção de matérias ou a edição de páginas, mas não a de traduzir textos. Esta atividade é assumida gradativamente por profissionais que têm conhecimentos da língua espanhola e que se ‘arriscam’ na tradução. Com o passar do tempo, e com o relativo êxito na atividade, esta atividade é incorporada às funções diárias do profissional. Baseado na experiência deste autor, que trabalhou por quase uma década no *DC*, foi possível apontar a forma como é feita a tradução no periódico catarinense: quando, através de agências de notícias, chega à redação uma matéria considerada interessante para ser publicada no jornal, o jornalista-tradutor é acionado, interrompendo a sua atividade original para transcrever o texto para o português. Sob a pressão do horário de fechamento do jornal, o profissional deve fazer a tradução em pouco tempo.

Já na *FSP*, as traduções são feitas por uma única pessoa, independente do assunto em questão. Este profissional faz da tradução a sua ocupação principal, possibilitando uma análise mais aprofundada do texto, além de possuir melhores condições de fazer seu trabalho, deixando-o mais fiel ao original, em razão do constante contato com o espanhol.

O presente estudo partiu da hipótese de que a falta de capacitação do jornalista-tradutor prejudicaria a correta tradução dos textos em espanhol para o português. Sem o conhecimento profundo da língua espanhola, o tradutor poderia distorcer a informação original. Este pensamento é baseado no fato de que a maioria dos jornalistas que traduzem os textos, pouco contato mantêm ou mantiveram com o espanhol. Muitas vezes, apenas uma viagem de férias para algum país de língua espanhola, somada à similaridade entre os dois idiomas, parece habilitar o jornalista a traduzir matérias jornalísticas. Como o espanhol é

considerado um idioma muito parecido ao português, pensa-se que qualquer pessoa com um pouco de cultura geral seria capaz de traduzir um texto. Mal sabem das armadilhas que a língua de Miguel de Cervantes prepara para aqueles que a conhecem superficialmente.

A pressa e o acúmulo de tarefas do jornalista-tradutor também influenciam na hora de traduzir. Estes fatores muitas vezes fazem com que se transgridam normas básicas da tradução, como a pesquisa do contexto do assunto ou a revisão da primeira versão da tradução, para evitar perdas. Nesse contexto, a tradução jornalística na maioria das vezes é baseada na intuição, na lógica e nos conhecimentos gerais do profissional da comunicação.

O jornalista-tradutor, porém, possui uma característica que lhe dá certa vantagem sobre muitos tradutores: é inerente a sua profissão estar sempre atualizado, informado sobre todo tipo de assunto, da atualidade nacional aos acontecimentos internacionais. Sua bagagem cultural é fruto do contato permanente com jornais, revistas, Internet, televisão e rádio, os principais elementos do seu trabalho diário. Este seu acervo intelectual e cultural lhe favorece na ‘adaptação’ de textos.

A constante crise financeira que os meios de comunicação alegam passar, somado ao fato de haver o entendimento de que o jornalista tem capacitação suficiente para traduzir, seriam os motivos para a falta de um tradutor qualificado nos periódicos brasileiros. Esta realidade, porém, vai na contramão de um dos principais objetivos dos jornais: a propaganda qualidade jornalística dos seus produtos. Mas ao fazer uma tradução sem qualidade, o maior prejudicado é o cliente do jornal: o leitor. Apesar de apresentar um texto confuso, muitos tradutores podem se proteger atrás do seguinte argumento: “O leitor não é ignorante, no fim entenderá”. Mas deve o leitor, pergunta-se Vázquez-Ayora (1977, p. 322), após enfrentar uma versão pouco clara, de ter lido duas vezes, ficar apenas com a impressão de que adivinha uma mensagem, ou deve, sem esforço, perceber uma idéia com clareza? O tradutor tem que lembrar, continua Vázquez-Ayora, que a compreensão de um texto não depende somente do

grau de inteligência do leitor, mas também dos princípios que regem a comunicação e da carga excessiva de informação imposta a uma mensagem até ficar difícil de decifrar. “El traductor no traduce para si mismo, sino para los demás. No hay que suponer al lector una extraordinaria inteligencia que supla a nuestras deficiencias, y que le permita comprender lo que nosotros no pudimos expresar”, afirma Vázquez-Ayora (p. 323).

Ao longo desta pesquisa, procurou-se o embasamento teórico para a tradução jornalística através de obras fundamentais da Teoria da Tradução, junto com teóricos da Comunicação como Nilson Lage e Adelmo Genro. Além de enciclopédias e bibliografia geral de tradução, foi dada especial ênfase para quatro autores: Christiane Nord, Frank Esser, Lawrence Venuti e Meta Zipser. É importante ressaltar que a proposta de estabelecer uma ligação direta entre a teoria pesquisada e a análise da tradução jornalística não obteve o sucesso previsto. Há uma evidente falta de obras especializadas no assunto, queixa unânime entre pesquisadores da área, como se verá neste estudo.

Ao iniciar esta pesquisa sobre tradução jornalística, esperava-se que houvesse mais filtros ideológicos, mais distorções influenciando o texto final. Na verdade, o que foi encontrado foram desvios simples sem uma maior conotação ideológica ou cultural. Estes desvios são consequência das características do trabalho jornalístico, como a pressão do horário de fechamento do jornal e a falta de conhecimento profundo da língua espanhola. Usamos neste estudo o termo ‘desvio’ para indicar traduções de palavras, ou de conjuntos de palavras, que podem ser questionadas, sem necessariamente caracterizarem ‘erros’.

Outro fator que influencia o surgimento de desvios na tradução jornalística são as características inerentes à atividade do jornalista-tradutor, diferentes das peculiaridades da função do tradutor profissional. Este último investe mais tempo na realização do seu trabalho, num ambiente adequado, e utilizando técnicas específicas para verter o texto original para a língua de chegada. Já o profissional da Comunicação, na maioria das vezes, faz as traduções

como uma atividade secundária, um complemento a seu trabalho principal que é editar ou escrever notícias e reportagens.

A partir de tais premissas, a presente pesquisa tem os seguintes objetivos:

1. Contribuir com o aperfeiçoamento da tradução na área jornalística, apontando os principais problemas na tradução jornalística do espanhol para o português.
2. Identificar os conceitos específicos da língua espanhola que causam maior confusão ao tradutor.
3. Colaborar para reduzir a lacuna de estudos existente sobre tradução de textos jornalísticos.
4. Desenvolver um instrumental para classificar os principais desvios na tradução de textos jornalísticos.
5. Obter subsídios teóricos e práticos na área de tradução, com o objetivo de desenvolver investigações na área, aprofundando os conhecimentos num futuro doutorado.
6. Cooperar para que os leitores de jornal possam ter uma informação confiável e clara.

Visa-se, nesta pesquisa, ao estudo de textos em língua espanhola traduzidos para a língua portuguesa e o fenômeno responsável pelas dificuldades de tradução. Assim, esta pesquisa tem necessariamente um caráter interdisciplinar, envolvendo pelo menos duas grandes áreas: o jornalismo e a tradução. Esta interdisciplinaridade exige recortes de conceitos e procedimentos metodológicos específicos nas duas áreas, para que o espaço de interação entre o jornalismo e a tradução fique corretamente caracterizado.

A metodologia para a análise e comparação dos dez textos foi feita com base na bibliografia existente sobre tradução e também nos conhecimentos próprios do autor pela convivência diária de mais de duas décadas com o idioma espanhol e português. Na medida

em que eram detectados desvios nos textos, estes foram transcritos para uma listagem. Após analisar todas as matérias jornalísticas, os desvios foram agrupados por semelhança. Estas similitudes foram comparadas com as classificações existentes na bibliografia de Teoria da Tradução e foi produzida uma nova classificação, visando a atender às características da tradução jornalística.

Para quantificar a classificação, os desvios foram enumerados e foi calculado o percentual de incidência para cada item. Isto permitiu fazer uma leitura mais completa e aprofundada das diferenças na tradução do original para o texto de chegada.

No primeiro capítulo, é abordado o marco teórico que embasa esta pesquisa. Mostra-se o conceito de texto jornalístico, junto com as características e dificuldades inerentes à tradução de matérias e reportagens na imprensa. Também é apresentada a teoria de alguns estudiosos da Tradução, como Frank Esser, Christiane Nord e Lawrence Venuti e sua relação com o texto jornalístico. Na seqüência, são repassadas diferentes formas de tradução, abordando conceitos específicos que servem de base para a classificação dos desvios.

No segundo capítulo, é feita a análise e a comparação de dez textos jornalísticos traduzidos, cinco do *Diário Catarinense* e cinco da *Folha de S.Paulo*. Com base neste levantamento, foi feita uma classificação dos desvios e das formas de tradução utilizadas pelos meios de comunicação.

O capítulo final traz a síntese das conclusões parciais obtidas nesta pesquisa que serão reunidas por afinidade e direcionadas para a comprovação da hipótese.

Além das Referências Bibliográficas, este trabalho tem como Anexos os textos do corpus pesquisado (em espanhol e português).

1 – Marco teórico

1.1 – Principais procedimentos de tradução

1.1.1 – Tradução literal

A tradução literal também é chamada de tradução palavra por palavra. Na prática, segundo Mona Baker (1998, p.125), este tipo de tradução tem um compromisso com o ideal e é usado substituindo, quando possível, termos isolados do texto fonte com outras palavras no texto de chegada.

A principal técnica usada nos textos jornalísticos analisados é a tradução literal, palavra por palavra, mantendo rigorosamente a ordem sintática dos elementos do espanhol. São preservados exatamente os mesmos períodos e parágrafos do original.

O maior perigo da tradução literal é que o sentido de um conjunto de palavras ou frase pode não ser o mesmo do original, apesar de aparentemente expressar a mesma coisa. A tradução feita dessa maneira corre o perigo de ficar estranha para o leitor da língua de chegada, pois dificulta a leitura e a compreensão.

Este tipo de tradução é um procedimento legítimo quando existe no texto fonte uma correspondência precisa de estrutura e de significação e a equivalência se produz palavra por palavra. Neste caso, pode-se aplicar sem risco.

Gerardo Vazques-Aroya em *Introducción a la Traductología* (1977, p. 252) garante que não há riscos de cometer equívocos na tradução de duas frases, se “existe entre ellas una correspondencia precisa de ‘estructura’ y de ‘significación’, y la equivalencia se cumple monema por monema”.

Uma desvantagem deste método, entretanto, é transformá-lo numa tradução mecânica e servil, conhecida também como ‘literalidade’, que pode provocar inúmeros erros. Por outro lado, Marcella Mortara (1996, p. 112) alerta para a “armadilha da facilidade”, no sentido do tradutor achar “fácil” um determinado texto pelas semelhanças com a língua própria. Ela assegura que a maior dificuldade é a facilidade e o maior perigo é a semelhança entre as palavras. Mortara se refere à freqüente analogia da estrutura da base, que pode levar o tradutor a deslizar no decalque: “Ainda que gramaticalmente correto, pode não ser a melhor versão; em certos casos, constatamos simplesmente a utilização de expressões não consagradas pelo uso, em outros, chegamos a decifrar por baixo da construção habitual do português, a estrutura da frase original”.

1.1.2 – Adaptação

A adaptação como técnica de tradução, segundo Baker (1998, p. 5), é um procedimento usado quando o contexto referido no texto original não existe na cultura do texto de chegada, precisando, portanto, de alguma forma de recriação. Esta definição vê a adaptação como um procedimento para obter uma equivalência em situações onde aparecem diferenças culturais.

A adaptação é uma das formas mais utilizadas na tradução de textos jornalísticos. De acordo com Baker (1998, p. 5), é possível classificar as definições de adaptação sob aspectos específicos como técnica de tradução, gênero, metalinguagem e infidelidade.

A adaptação pode estar muito ligada ao gênero do texto. Por exemplo, na tradução de obras de teatro, a mesma tem sido muito usada. Seria uma forma de naturalizar o acontecimento para um novo contexto, tentando obter o mesmo efeito do original, mas para um público com uma cultura diferente. Aplica-se também em tradução de literatura infantil,

na qual se recria a mensagem de acordo com a cultura dos leitores. A adaptação é mais facilmente justificável, continua Baker (p. 6) quando o texto original é de natureza metalingüística, como trabalhos didáticos sobre idioma.

Alguns autores argumentam que a adaptação é necessária para manter a mensagem intacta, enquanto outros a vêem como uma traição ao autor original, uma infidelidade. Para os primeiros, a rejeição à adaptação condena o leitor a um mundo artificial de estrangeirização. Para os outros, adaptação é a destruição e a violação do texto original.

- Modos de adaptação

Com base nos procedimentos adotados pelo tradutor ao fazer a adaptação, Baker (p. 7) faz a seguinte classificação:

- *Transcrição do original*: reprodução palavra por palavra de parte do texto na língua original, geralmente acompanhada de tradução literal.

- *Omissão*: a eliminação ou redução de parte de um texto.

- *Expansão*: fica explícita a informação que está implícita no original.

- *Exotismo*: a substituição de dialetos, gírias ou palavras sem sentido no texto original por equivalentes na língua de chegada (às vezes marcado em itálico ou sublinhado).

- *Atualização*: a substituição de informações desatualizadas por equivalências modernas.

- *Equivalência situacional*: a inserção de um contexto mais familiar que o usado no original.

- *Criação*: uma substituição mais global do texto original com um texto que preserva somente a mensagem essencial, básica do original.

- As condições para a adaptação

As condições (fatores) mais comuns que favorecem o uso da adaptação na tradução de textos são:

- *Ausência de equivalentes*: quando simplesmente não há equivalentes lexicais na língua de chegada.

- *Inadequação situacional*: quando o contexto referido no original não existe na cultura de chegada.

- *Mudança de gênero*: quando há uma mudança de um tipo de discurso para outro (ex: de literatura adulta para infantil), frequentemente precisa-se de uma recriação do texto original.

- *Interrupção do processo de comunicação*: a necessidade de uma nova época ou a necessidade de atingir um tipo diferente de leitores, com frequência, requer modificações no estilo, conteúdo ou apresentação.

- As restrições à adaptação

Existem certas restrições ao uso da adaptação na tradução. Entre as mais comuns se encontram as seguintes:

- *O conhecimento e a expectativa do leitor alvo*: o tradutor que utiliza a adaptação deve avaliar se o conteúdo dos textos originais tem informações novas para a provável audiência.

- *A língua de chegada*: aquele que adapta deve achar termos iguais e apropriados na língua de chegada para o estilo do discurso do texto original e buscar coerência ao adaptar as palavras.

- *O sentido e o propósito*: o tradutor deve conferir o significado e a intenção do texto original e de chegada.

- Limites teóricos entre adaptação e tradução

O termo “adaptação” às vezes é evitado por alguns autores por considerarem que o conceito de tradução pode ser usado para todo tipo de transformação, explica Baker, já que a função essencial desta atividade é preservada.

It is often argued that a successful translation is one that looks or sounds like an original piece of work, which would seem to imply that the translator is expected to intervene actively (i.e. adapt) to ensure that this ideal is achieved. (BAKER, p. 8)

Podemos dizer que a transcrição de palavras fica basicamente no nível do significado, enquanto a adaptação procura transmitir a intenção do texto original, tendo a intenção de evidenciar as intenções do autor. “It is imperative that we acknowledge adaptation as a type of creative process which seeks to restore the balance of communication that is often disrupted by traditional forms of translation.” (Baker, p. 8). Somente tratando a adaptação como uma estratégia legítima, continua a autora, é possível começar a entender a motivação para usá-la e estabelecer a relação entre a adaptação e outras formas convencionais de tradução.

1.1.3 – Compensação

A compensação, segundo Mona Baker (1998, p. 37), é a técnica de recriar um efeito no texto de chegada que seja similar ao efeito do texto original, através de significados específicos da língua de chegada. O principal objetivo é evitar perdas na tradução. A

compensação é mais utilizada quando o texto original apresenta jogos de palavras, aliterações, rimas, gírias e metáforas.

Considerando-se que a transferência de significados de uma língua para outra sempre envolve um determinado grau de perda, o tradutor deve decidir se e quando a compensação é assegurada. Dependendo do texto, porém, a compensação pode estar localizada no mesmo período do texto original ou num parágrafo diferente.

Para classificar a compensação, Baker (1998, p. 38) cita Harvey e Higgins (1992, p. 34-40) que apontam quatro categorias de compensação:

- *Compensação no tipo*: as diferentes estruturas lingüísticas são utilizadas no texto de chegada com o objetivo de recriar um efeito do texto de partida.

- *Compensação no lugar*: o efeito no texto de chegada está num lugar diferente do que no original.

- *Compensação por fusão ('merging')*: as características do texto de partida são condensadas no texto de chegada.

- *Compensação por divisão ('splitting')*: o sentido de uma palavra no texto de partida tem que ser expandido numa frase maior no texto de chegada.

Segundo os autores, alguns destes tipos de compensação também podem acontecer simultaneamente.

1.1.4 – Explicitação

Explicitação é a técnica que deixa explícito no texto de chegada o que está implícito no texto de partida. As estratégias de explicitação (implicitação) geralmente são discutidas junto com estratégias de adição e omissão.

Muitos autores, afirma Baker (1998), apontam 'adição' como a forma genérica e 'explicitação' como o conceito mais específico. Outros interpretam 'explicitação' como o

conceito mais amplo que incorpora o conceito específico de ‘adição’. Ambos são considerados sinônimos por Englund Dimitrova (*apud* Baker, 1998) que usa os termos “adição-explicitação” e “omissão-implicitação”.

Segundo Vinay e Darbelnet (*apud* Baker, 1958, p. 8), ‘explicitação’ é o processo de introduzir informação na língua de chegada que está presente apenas implicitamente no texto de partida, mas que pode ser derivado do contexto ou da situação. Já a implicitação é conceituada como o processo de permitir que o contexto da língua de chegada defina certos detalhes que estavam explícitos na língua de partida. Como geralmente as traduções são mais longas do que os originais, existe uma tendência pelo uso mais freqüente da explicitação do que pela implicitação.

Segundo Baker (1998, p. 82-83), a explicitação pode ser dividida em quatro tipos:

- *Explicitação obrigatória*: deve ser utilizada quando existem diferenças na estrutura sintática e semântica dos idiomas. Explicitações sintáticas e semânticas são obrigatórias, porque sem elas prejudicar-se-ia a gramática da língua de chegada. Por exemplo, os termos em português ‘irmã’ e ‘irmão’ não podem ser traduzidos para o húngaro sem explicitação, porque a língua húngara tem diferentes termos para ‘irmão mais novo’ (*öcs*) e ‘irmã mais nova’ (*hug*), e para ‘irmão mais velho’ (*báty*) e ‘irmã mais velha’ (*n vér*).

- *Explicitação opcional*: é determinada pela diferença nas estratégias de construção do texto e preferências estilísticas entre idiomas. É opcional na medida em que frases gramaticalmente corretas podem ser construídas sem sua aplicação na língua de partida, embora o texto possa ficar pouco natural.

- *Explicitação pragmática*: a explicitação pragmática de informações culturais implícitas é determinada pela diferença entre as culturas. A comunidade cultural da língua de chegada pode não vislumbrar aspectos do que é considerado conhecimento geral ao alcance da cultura da língua de partida e, nesse caso, o tradutor freqüentemente deve incluir

explicações na sua tradução. Por exemplo, o nome de rios ou vilas, ou itens de comida ou bebidas que são conhecidas na língua de partida podem não ser conhecidas na língua de chegada.

- *Explicitação inerente à tradução*: pode ser atribuída à própria natureza do processo de tradução. É explicada por uma das mais difundidas características da tradução, a necessidade de formular idéias na língua de chegada que foram originalmente concebidas na língua de partida.

1.1.5 – Paráfrase

O termo paráfrase é usado quando se faz uma tradução utilizando as próprias palavras do tradutor. John Dryden (*apud* Baker, 1998, p. 166) explica que, na paráfrase, “the author is kept in view by the translator, so as never to be lost, but his words are not so strictly followed as his sense; and that too is admitted to be amplified, but not altered”.

Para Dryden, a paráfrase é o meio termo entre a metafrase (tradução palavra por palavra) e a imitação (que respeita a fluência do texto de chegada).

But since every language is so full of its own properties, that what is beautiful in one, is often barbarous, nay sometimes nonsense, in another, it would be unreasonable to limit a translator to the narrow compass of his author's words: 'tis enough if he choose out some expression which does not vitiate the sense. I suppose he may stretch his chain to such a latitude; but by innovation of thoughts, methinks he breaks it. By this means the spirit of an author may be transfused, and yet not lost.
(DRYDEN *apud* BAKER, 1998, p. 166)

O termo paráfrase é também utilizado em discussões teóricas sobre tradução como sinônimo de “perda” ou “interpretação livre” de textos.

1.1.6 - A equivalência - Bassnett-McGuire

- Diferença entre os idiomas

A linguagem é o guia que leva o leitor até a realidade social de uma cultura, afirma Edward Sapir (1956 *apud* Bassnett-McGuire, 1980). Os seres humanos ficam à mercê dessa linguagem, que se transforma no meio de expressão da sociedade. Assim, a experiência é amplamente determinada pelos hábitos de linguagem da comunidade e cada estrutura separada representa uma realidade separada. “No two languages are ever sufficiently similar to be considered as representing the same social reality. The worlds in which different societies live are distinct worlds, not merely the same world with labels attached.” (Edward Sapir *apud* Bassnett-McGuire, p. 13)

- Contexto cultural do idioma

A linguagem é o coração dentro do corpo da cultura e a interação entre os dois resulta na continuação da energia de vida, afirma Bassnett-McGuire (1980, p. 14). Da mesma forma em que o cirurgião, operando o coração de um paciente, não pode esquecer o corpo que o rodeia, o tradutor não pode isolar o texto da cultura à qual ela pertence. “No language can exist unless it is steeped in the context of culture; and no culture can exist which does not have at its center, the structure of natural language.” (Júri Lotman *apud* Bassnett-McGuire, p.14)

- Significado

Na tradução de determinadas frases deve ser levada em conta a função e não as palavras em si, afirma Bassnett-McGuire (1980, p. 21). É por essa razão que o processo de

tradução envolve a decisão de repor e substituir os elementos lingüísticos na língua de chegada. “Firth defines meaning as ‘a complex of relations of various kinds between the component terms of a context of situation and cites the example of the English phrase ‘Say when’, where the words ‘mean’ what they ‘do’”. (Bassnett-McGuire, 1980, p. 21)

– Os tipos de tradução por equivalência

A tradução pode ser uma transformação semiótica. Na sua definição de tradução por equivalência, Popovic distingue quatro tipos (*apud* Bassnett-McGuire, p. 24).

1 - Linguistic equivalence, where there is homogeneity on the linguistic level of both SL and TL texts, i.e. word for word translation.

2 – Paradigmatic equivalence, where there is equivalence of ‘the elements of a paradigmatic expressive axis’, i.e. elements of grammar, which Popovic sees as being a higher category than lexical equivalence.

3 - Stylistic (translational) equivalence, where there is ‘functional equivalence of elements in both original and translation aiming at an expressive identity with an invariant of identical meaning’.

4 – Textual (syntagmatic) equivalence, where there is equivalence of the syntagmatic structuring of a text, i.e. equivalence of form and shape.

Mas a equivalência pode ser distinguida em dois tipos, formal e dinâmica, como afirma Eugene Nida (*apud* Bassnett-McGuire, p.26).

A *equivalência formal* centra a sua atenção na própria mensagem, na forma e no conteúdo. Nesse tipo de tradução, existe a preocupação com a correspondência entre frase e frase, conceito e conceito. É chamada “gloss translation”, que visa a permitir ao leitor entender o máximo possível do contexto da língua de partida.

A *equivalência dinâmica* está baseada no princípio do efeito equivalente, isto é, que a relação entre receptor e mensagem deve ter como objetivo ser o mesmo entre o receptor original e a mensagem na língua de partida.

A tradução, por sua vez, envolve mais do que simplesmente substituir itens gramaticais e lexicais entre dois idiomas. O processo deve desfazer-se dos elementos

lingüísticos básicos do texto original para alcançar o objetivo de Popovic que é a “identidade expressiva” entre os textos de partida e de chegada. Porém, uma vez que o tradutor se afasta da equivalência lingüística, começam a aparecer os problemas para determinar a exata natureza do nível de equivalência buscada.

A tradução por equivalência pode ser considerada uma categoria semiótica, compreendendo componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos. Esses componentes estão numa relação hierárquica, na qual a equivalência semântica é prioridade em cima da equivalência sintática e das condições da equivalência pragmática. “Equivalence overall results from the relation between signs themselves, the relationship between signs, what they stand for and those who use them. So, for example, ‘porca Madonna’ in Italian, should be ‘fucking hell’ in English.” (Bassnett-McGuire , p.27)

– O núcleo invariável na tradução

O núcleo invariável, segundo Popovic (*apud* Bassnett-McGuire), é representado pelos elementos semânticos estáveis, básicos e constantes no texto, cuja existência pode ser provada pela condensação semântica experimental.

Já as transformações são aquelas mudanças que não modificam o núcleo do significado, mas influenciam a forma de expressão. O invariável faz parte de uma relação dinâmica e não deve ser confundido com argumentos especulativos sobre a “natureza”, o “espírito” ou a “alma” do texto; a “qualidade impossível de ser definida (*indefinable*)” que o tradutor supostamente deve capturar.

De acordo com Georges Mounin (*apud* Bassnett-McGuire, 1976, p. 29), graças ao desenvolvimento da lingüística contemporânea, podemos e devemos aceitar que em tradução os seguintes conceitos são invariáveis:

- 1 - Personal experience in its uniqueness is untranslatable.
- 2 - In theory the base units of any two languages (e.g. phonemes, monemes, etc.) are not always comparable.
- 3 - Communication is possible when account is taken of the respective situations of speaker and hearer, or author and translator.

Em outras palavras, Mounin acredita que a lingüística demonstra que a tradução é um processo dialético que pode ser consumado com relativo sucesso:

Translation may always start with the clearest situations, the most concrete messages, the most elementary universals. But as it involves the consideration of a language in its entirety, together with its most subjective messages, through an examination of common situations and a multiplication of contacts that need clarifying, then there is no doubt that communication through translation can never be completely finished, which also demonstrates that it is never wholly impossible either. (MOUNIN *apud* BASNETT-MCGUIRE, p.29)

1.1.7 – Colocação – John Sinclair

A colocação é uma expressão que consiste em duas ou mais palavras, que correspondem a alguma forma convencional de dizer as coisas. Para tentar explicar a maneira como surge esse significado, Sinclair (1991, p. 109) apela para dois diferentes princípios de interpretação: o princípio da escolha aberta e o princípio idiomático.

- Princípio da ‘escolha aberta’

Esta é uma forma de ver a linguagem do texto como o resultado de um amplo número de complexas escolhas. Em cada ponto onde uma unidade é completada (uma palavra ou uma frase), uma ampla gama de escolhas se abre, na qual a única restrição é a gramática.

Esta é provavelmente a forma normal de ver e descrever a língua. É comumente chamado modelo “slot and filler”, mostrando textos como uma série de espaços que devem ser preenchidos a partir de um léxico que se adequa às restrições locais. Virtualmente cada

espaço poderia ser ocupado por qualquer palavra, porém, esta escolha é complexa, pois a língua opera em diversos níveis simultaneamente.

- O princípio idiomático

As palavras não aparecem por acaso no texto e o princípio da escolha aberta não supre as restrições das escolhas consecutivas. Não se produziriam textos normais simplesmente operacionalizando o princípio da escolha aberta.

Até certo ponto, segundo Sinclair (1991, p. 110), a natureza do mundo em torno de nós é refletida na organização da língua e contribui para uma escolha adequada. Coisas que acontecem espacialmente juntas têm uma chance maior de serem mencionadas juntas. Assim como também os conceitos da mesma área filosófica.

Mesmo aceitando isso, há várias maneiras de dizer as coisas, muitas escolhas na língua que têm pouco ou nada a ver com a realidade. Estes são tipos de escolhas lingüísticas que podem ser vistos como condicionantes de escolhas em grande escala. Uma vez feita a escolha, e essa normalmente é uma escolha social, depois todas as escolhas ‘espaço-por-espaço’ (*slot-by-slot*) são reduzidas em âmbito (*scope*) ou mesmo, em alguns casos, jamais mostradas (*pre-empted*).

O princípio idiomático, afirma Sinclair (1991, p. 110), é aquele no qual o usuário da língua tem à sua disposição um amplo número de frases semi-pré-construídas que constituem escolhas únicas. Até certo ponto, isto pode refletir a repetição de situações similares em assuntos humanos. Também pode ilustrar uma tendência natural para economizar esforços ou pode ser motivado em parte pela exigência da conversação em tempo real. Entretanto, seu surgimento foi relegado para uma posição inferior na lingüística, porque não serve para o modelo da livre escolha.

O princípio idiomático também pode ser visto na aparente escolha simultânea de duas palavras, como por exemplo, *por supuesto*. Esta frase funciona como uma única palavra, e o espaço entre os dois termos deve desaparecer com o tempo.

- Algumas características do princípio idiomático:

Em seu livro *Corpus, Concordance, Collocation*, John Sinclair (1991, p. 111-112) faz uma listagem das principais características do princípio idiomático, que serão reproduzidas a seguir:

A - Muitas frases têm um alcance indeterminado: como exemplo, pode-se considerar *set eyes on*. Esta parece atrair o pronome subjetivo como auxiliar para *set*. Quanto disso faz parte da frase, e quanto disso é da natureza da atração ‘colocacional’?

B - Muitas frases permitem variações lexicais internas: por exemplo, parece haver pouco para escolher entre *in some cases* e *in some instances*.

C - Muitas frases permitem variações léxico-sintáticas internas: considerando a frase *não é de sua essência...* O verbo *é* faz parte da frase e pode se transformar em *era* e pode incluir modais. O *não* pode ser substituído por outro termo “negativo” como *foge (a sua essência)*. *Sua* pode também ser substituído por qualquer outro pronome possessivo. *Essência* é fixo.

D - Muitas frases permitem alguma variação na ordem das palavras: continuando com o último exemplo, podemos dizer *recriminar não é de sua essência* ou *não é de sua essência recriminar*.

E - Muitos usos de palavras e frases atraem outras palavras em colocações fortes, como por exemplo, *trabalho duro, jogo duro* etc.

F - Muitos usos de palavras ou frases mostram uma tendência a “co-occur” com certas escolhas gramaticais. Ex: *set about*

G - Muitos usos de palavras ou frases mostram uma tendência a acontecer num certo desenvolvimento semântico. Por exemplo, o verbo *ocorrer* é relacionado a questões desagradáveis, como acidentes.

Com esta evidência, podemos elevar o princípio idiomático de uma característica secundária, comparada com a gramática, para ser ao menos tão importante quanto a gramática na explanação de como o significado surge no texto.

1.2 – O texto jornalístico

O texto jornalístico se diferencia dos textos literários por ser conciso, claro e objetivo, ao mesmo tempo em que faz um relato de um fato de interesse público, ou seja, de uma notícia. A função do texto jornalístico é informar e analisar determinado acontecimento, além de ter como prioridade formar a opinião do público. Assim, as principais características da notícia são atualidade, proximidade, proeminência (da pessoa envolvida), impacto e significância.

Na definição do teórico da Comunicação Nilson Lage, no livro *Linguagem Jornalística* (1990, p. 35), o texto jornalístico precisa ser submetido constantemente à crítica, que remove o entulho e repõe vida às palavras.

O texto jornalístico procura conter informação conceitual, o que significa suprimir usos lingüísticos pobres de valores referenciais, como as frases feitas da linguagem cartorária. Sua descrição não se pode limitar ao fornecimento de fórmulas rígidas, porque elas não dão conta da variedade de situações encontradas no mundo objetivo e tendem a envelhecer rapidamente.

Um dos aspectos mais importantes para a excelência do texto jornalístico é o preparo e a capacitação do jornalista: “O jornalista tem que estar a par das coisas, estar bem informado para poder informar. É para isso que ele tem de viver no meio dos acontecimentos, em pleno fluxo vital” (Lima, 1990, *apud* Zipser, 2002, p. 22)

Lima mostra que, sob sua ótica, a relação emissor/receptor (jornalista/público leitor) deve ser priorizada: “Pois a informação – como tradução intensiva do acontecimento para a comunicação com o Outro, se desdobra em informação. Isto é, em formação do público. (...) É a grande finalidade moral e social do jornalista, que vai além da finalidade puramente informativa”. (p. 22)

A função do jornal ou de qualquer publicação, segundo o jornalista Clovis Rossi (1988, p. 30), não é apresentar textos de grande originalidade, mas simplesmente apresentar bons textos, com muita informação e rigorosa exatidão.

1.3 – A tradução jornalística

A falta de uma bibliografia específica para a tradução jornalística é unanimidade entre os estudiosos da tradução. Num artigo publicado na Internet, o professor de jornalismo Bernardino M. Hernando, da Universidad Complutense de Madrid (2000) confirma a quase inexistência de textos ou livros sobre o assunto.

Es llamativo que siendo los textos periodísticos, desde hace siglos, fruto en buena parte de la traducción y habiendo estado el periodismo, desde su nacimiento en el S. XVIII, tan vinculado a la traducción, haya tan pocas muestras de interés por ella en la investigación periodística. Y en la investigación lingüística.

Numa nota de pé de página o mesmo autor acrescenta:

En la más completa bibliografía sobre traducción que conocemos, la de Julio-César Santoyo (Santoyo, 1996³), de los casi 5.000 títulos que aporta (libros y artículos), apenas una docena se refieren a estudios sobre Prensa y Traducción. (Hernando, 2000)

A falta de textos ou livros sobre tradução jornalística no mundo todo também fica evidenciado numa pesquisa na Internet, no site do *Google* (www.google.com.br). A seguir será mostrada a quantidade de ocorrências registradas no site de termos ligados a este estudo: “tradução jornalística”, 26; “traducción periodística”, 93; “journalistic translation”, 231, e “journalism translation”, 518. A maioria das citações se refere a currículos de jornalistas que se oferecem para traduzir matérias, não existindo nenhuma referência a bibliografia sobre o assunto.

Em espanhol foi possível aproveitar dois artigos de jornalistas que falam sobre tradução jornalística. O restante das ocorrências nos dois idiomas estrangeiros é apenas de jornalistas que se oferecem como tradutores de matérias jornalísticas ou de disciplinas em universidades européias que tratam do assunto nos seus cursos de línguas.

Um outro exemplo da falta de bibliografia sobre o assunto é o fato de a Universidade de Alicante, na Espanha, oferecer um curso de doutorado em tradução jornalística e publicitária (www.ua.es/dfing/tra_int/pdfs/periodistico.pdf). Após apresentar a ementa do curso, é indicada a bibliografia escolhida: são 25 livros e, pela análise do título, nenhum deles tem relação direta com tradução jornalística, embora existam títulos sobre tradução publicitária.

Como até o presente momento a literatura especializada mostra apenas estudos superficiais sobre a tradução de textos jornalísticos, existe a necessidade de investir numa

pesquisa mais profunda, que poderia levar a uma análise de tendências apresentadas pelos tradutores e de uma possível existência de praxe tradutória na imprensa.

1.3.1 - Jornalista como duplo tradutor

A atividade na imprensa deixa implícito que o jornalista é um agente tradutor, no sentido de transmitir, através da narrativa, um determinado fato para os leitores, explicando e detalhando o ocorrido.

A complexidade e diversidade de assuntos do cotidiano são tão grandes, explica Rossi (1990), que afetam diretamente a rotina do cidadão. A informação jornalística interessa pela curiosidade e/ou necessidade de conhecimento e, por isso, o cidadão precisa ser ajudado a entendê-la. O leitor merece explicações dos jornais.

Seria impensável que um leitor qualquer, por mais ilustrado, culto e bem informado que fosse pudesse acompanhar e entender informações secas sobre Medicina e política, energia nuclear e Afeganistão, Educação e Meio Ambiente. Não. Ele necessita de um aprofundamento, um questionamento que o jornal (ou revista) deveria estar em condições de fornecer. (ROSSI, 1990, p. 36)

Quando o jornalista também exerce a atividade de transpor um texto jornalístico de um idioma para outro, ele é duplamente tradutor. O professor Bernardino M. Hernando, no seu artigo sobre tradução jornalística (2000), afirma que a informação jornalística é uma mediação entre os fatos e os receptores, e que tal mediação resulta dupla no caso de textos traduzidos de um idioma para outro. Ele faz um questionamento: “Se apenas uma mediação é recebida com reservas e produz ceticismo tantas vezes justificado, quanto de ceticismo não produzirá a dupla mediação?”.

Na maioria dos jornais brasileiros, quem exerce a função de traduzir as matérias jornalísticas do espanhol para o português é um jornalista conhecedor da língua original. Esse conhecimento é fruto do contato informal com o idioma através de viagens ou literatura, mas poucas vezes por estudo mais aprofundado.

A tradução jornalística não poderia ser encomendada a qualquer um, destaca Hernando (2000). Menos ainda àqueles que com tanta facilidade se consideram profundos conhecedores de inúmeros idiomas, uma característica de muitos profissionais da imprensa. Os textos jornalísticos resultam aparentemente fáceis, ressalta o autor, porém, neles existem dificuldades parecidas com as de qualquer tradução, agravadas por um número consideravelmente maior de “falsos amigos”, que são palavras semelhantes em duas línguas, mas que têm sentidos diferentes. As dificuldades aparecem não apenas pela proximidade aparente e perigosa dos significantes e significados, se não pelo clima de proximidade (também aparente e perigosa) das realidades representadas. “Todo nos "suenan", todo nos es "familiar", todo parece estar tan cerca...”, ressalta Hernando.

¿No resulta familiar a los teleadictos cualquier asiduo oficinista de la televisión, hasta el extremo de que creen conocerlo a fondo? A veces, hasta se extrañan de que "él" no los reconozca al cruzarse en cualquier esquina. En parecida ilusión puede caer el manejador de textos que hablan, aunque sea en ‘extranjero’, de hechos y personas familiares, engañosamente familiares, para cualquier seguidor de la actualidad. (HERNANDO, 2000)

1.3.2 - Características da tradução jornalística

A tradução jornalística tem características que a distinguem da tradução de não-ficção genérica, originadas nas peculiaridades da atividade jornalística como a busca pela informação resumida e a falta de um contexto claro, deixando implícitos certos dados. Estas particularidades muitas vezes dificultam o entendimento do texto de chegada.

O professor de Tradução do Istituto Superiori Interpreti e Traduttori de Milão, Bruno Osimo, no seu artigo na Internet *Traducción periodística* (2000), faz uma análise detalhada dos problemas que envolvem a tradução jornalística.

A primera vista, se puede pensar que el texto periodístico, al expresar datos o comunicar información, es puramente denotativo, por lo tanto relativamente fácil de traducir en el plano estilístico y sintáctico, con algunas dificultades en cuanto a léxico como máximo. En realidad, los textos de un periódico son heterogéneos, por no hablar de las publicaciones periódicas semestrales, mensuales o semanales, que suelen contener textos muy poco periodísticos, es decir, que podrían aparecer perfectamente en publicaciones no periódicas. (OSIMO, 2000)

- O automatismo na imprensa

Nas redações de jornais, revistas, rádios e televisões, como aponta Rossi (1988), vigora uma estrutura vertical onde geralmente acaba prevalecendo a opinião dos chefes, em detrimento da visão do jornalista que realmente acompanha o assunto no local onde ocorre. Essa verticalização seria a grande responsável pela disseminação de um alto grau de apatia e amorfismo nas redações dos grandes veículos de comunicação de massa no Brasil.

Os repórteres e redatores – que formam o maior contingente de jornalistas, em qualquer redação – se sentem muito pouco responsáveis pelo produto que estão ajudando a confeccionar. E cria-se, então, certo automatismo característico de linha de montagem industrial, que colide com a visão (ou desejo) de um trabalho intelectual, como o jornalismo deveria ser. (ROSSI, p. 22)

A automatização também afeta o jornalista-tradutor, que deve fazer o seu trabalho dentro do contexto das redações. Este fator, acrescido à comum sobrecarga de trabalho, provoca um sentimento de rotina e automatismo que pode prejudicar a qualidade da tradução.

- Falta de “Notas do tradutor”

Um dos grandes problemas da tradução jornalística é a dificuldade para dar explicações extras sobre o assunto que está sendo traduzido, sem apelar para as “Notas do Tradutor”. A prática jornalística atual no Brasil não admite esse tipo de nota, que Osimo vê como única saída para ampliar informações não contidas no texto fonte.

Poner en boca de un autor las explicaciones o comentarios del traductor sería muy grave (téngase en cuenta que, muchas veces, los autores de artículos políticos son, a su vez, políticos). Por lo tanto, todo lo que puede hacer el traductor es abrir paréntesis, explicar rápidamente lo que no puede traducir, introducir la sigla N. del T., cerrar el paréntesis y seguir adelante. (OSIMO, 2000)

O levantamento realizado nesta dissertação mostra que o jornalista-tradutor insere explicações sobre um determinado fato, sem fazer menção a “Notas do Tradutor”. O jornalista se apropria do texto original e vai acrescentando informações que considera importantes para

o entendimento do seu leitor, ignorando as regras tradicionais de tradução que obrigariam a evidenciar o intrometimento do tradutor.

Para Osimo, as seções dedicadas às matérias noticiosas são as de maior conteúdo denotativo. Ao oferecer notícias internacionais, nacionais ou locais, ou simplesmente ao se limitar a parafrasear as notícias das agências, o comentário do jornalista é mínimo, como também é reduzido o aspecto conotativo. Neste tipo de tradução as dificuldades se referem, principalmente, à forma padrão de comunicar as notícias nas diferentes culturas.

- Informações subentendidas

Uma característica própria dos jornais é que, pela sua natureza e uso, há muitas coisas subentendidas. O motivo é a familiaridade que os leitores assíduos deste veículo de comunicação teriam com os assuntos abordados. Osimo explica que o texto jornalístico tem implícita uma grande porcentagem de especificidade cultural por causa do que é publicado diariamente. Ou seja, o jornalista muitas vezes deixa de explicar certos assuntos porque já seriam de domínio dos seus leitores locais. Por isso, quando um jornal chega às mãos de um leitor não habituado com a cultura local ou sem o hábito de ler periódicos, há uma maior dificuldade para entender o texto.

Uno se da cuenta de esto cuando permanece en el extranjero durante un mes y, al volver, tiene dificultades para entender su periódico habitual. Para entender el diario de hoy es necesario haber leído el de ayer y así sucesivamente. El conjunto de periódicos en la serie histórica constituye una especie de gigantesco hipertexto al que los periódicos del día hacen amplia referencia. (OSIMO, 2000)

Uma outra característica, segundo Osimo, é que os jornais dão por subentendido o lugar. Se uma notícia não indica onde foi produzida, se subentende que foi na cidade onde se edita o jornal. É o caso do *Diário Catarinense*, um dos objetos desta pesquisa, que não indica a procedência quando as matérias têm origem em Florianópolis, a sua sede.

Muitas vezes estão implícitas até as coordenadas culturais, explica Osimo, já que o leitor do jornal, implicitamente, pertence a uma cultura muito precisa, assim como também a um tempo e lugar determinados.

A esto se debe, por ejemplo, que el nombre de un futbolista o de un programa de televisión pueda incluirse como traducción intertextual, como metáfora de otra cosa, y el lector, aunque no sea seguidor de fútbol ni de la programación televisiva, debe entender al menos el valor connotativo para comprender lo que lee. (OSIMO, 2000)

- Uso do léxico local

Na classificação do professor Osimo, outra característica dos jornais é o uso de léxico local. Em algumas cidades se publicam textos escritos no dialeto do lugar. Muitas vezes nos jornais expressamente internacionais, como o norte-americano *International Herald Tribune*, prevalece a variante local da língua em questão, embora sem passar ao uso direto do dialeto em si. O autor faz uma projeção de como seria divulgada uma notícia em diferentes jornais da Espanha, porém, serve como exemplo para o Brasil.

Por ejemplo, en El Ideal de Granada se informaría de un hecho acontecido en la Plaza Nueva, mientras que El País de tirada nacional diría que se produjo en las cercanías del acceso a la Alhambra. Y El Ideal hablaría de Santa Fe, Maracena o Motril, en tanto que El País precisaría que ha sido "en una localidad de la ciudad de Granada". También intervienen factores como la preferencia local o editorial en cuanto al uso de fraseología o jerga. (OSIMO, 2000)

- Omissão do nome do tradutor

O nome do tradutor não é descrito na maioria das matérias traduzidas e publicadas nos jornais brasileiros. Um exemplo disso é o *Diário Catarinense*, em cujas matérias traduzidas aparece apenas o nome do autor da matéria jornalística original. Uma exceção, porém, é o jornal *Folha de S.Paulo*, cujas reportagens também são transcritas no Site UOL (www.uol.com.br), e no qual o nome do tradutor aparece no final do texto.

Hernando (2000) condena a prática de omitir o nome do tradutor:

Nos parece, en cambio, rechazable que textos de agencia extranjera cuya importancia se destaca con el nombre del autor, no lleve su contrapartida en el nombre del traductor español. Más rechazable aún es el caso frecuentísimo de textos de colaboradores extranjeros cuya responsabilidad traduccional hay que atribuir, vagamente, al propio periódico. (...) Un absurdo que lo complica todo cuando sabemos cómo el pensamiento u opinión de alguien puede ser completamente adulterado con sólo algunos matices mal traducidos. Por incompetencia, podemos suponer. Suponer otra cosa sería delirio. (HERNANDO, 2000)

1.3.3 – Fatores de influência na tradução jornalística

Ao analisar a tradução jornalística é necessário constatar os fatores que influenciam o profissional da imprensa no processo de transpor um texto de uma língua para outra e que determinam a qualidade deste. A seguir serão apontados alguns destes fatores:

- A tirania do tempo

Na tradução de textos jornalísticos devem ser tomadas as mesmas cautelas da tradução em geral, sendo necessário se prevenir contra um dos problemas do jornalismo, a pressa - a maior inimiga de qualquer tradução. O pesquisador da Comunicação Jorge Sousa, no seu livro *Teoria da notícia e do jornalismo* (2002), faz referência à tirania do tempo que infecta o jornalismo atual. Segundo ele, os jornalistas seriam membros de uma cultura cronometrada e poderiam perspectivar a capacidade de vencer o tempo como a demonstração mais clara de competência profissional.

A pressão do tempo, agudizada pela competitividade, levaria ainda os jornalistas a relatar freqüentemente as histórias em situação de incerteza, quer porque nem sempre reúnem os dados desejados quer porque necessitam de selecionar rapidamente acontecimentos e informações. O fator tempo impediria também a profundidade. (SOUSA, p. 48)

Nesse desafio contra o tempo, o texto informativo tende a perder qualidade e precisão. Esta constatação também se aplica à tradução do texto jornalístico. Os responsáveis pela tradução são jornalistas que devem cumprir com rigorosos horários de fechamento das edições. Constantemente os jornais recebem reportagens de todo o mundo através das agências de notícias internacionais. Se uma matéria recebida em língua estrangeira é

disponibilizada e interessa ao veículo de comunicação, este pode querer utilizá-la já para a edição do dia seguinte. Nesse caso, o jornalista deve fazer a tradução rapidamente, sob a pressão do tempo, o que facilita o aparecimento de equívocos no texto de chegada.

Ao se manifestar sobre a pressa na imprensa, o professor Hernando (2000) faz uma constatação jocosa sobre os aspectos jornalísticos da tradução: “... muchas prisas, muchas ignorancias y alguna inteligente vigilancia. Menos mal.”

- O background do jornalista

O jornalista, ao escrever sobre um determinado assunto, acaba sendo um tradutor para seus leitores, explicando e detalhando o ocorrido. Esse processo é influenciado pela capacidade e formação do profissional da imprensa.

O jornalista Clovis Rossi, no seu livro *O que é jornalismo* (1988) afirma que entre o fato ocorrido e a versão que dele publica qualquer veículo de comunicação de massa, há a mediação de um jornalista (não raro, de vários jornalistas).

[O jornalista] carrega consigo toda uma formação cultural, todo um background pessoal, eventualmente opiniões muito firmes a respeito do próprio fato que está testemunhando, o que o leva a ver o fato de maneira distinta de outro companheiro com formação, background e opiniões diversas. (ROSSI, p. 10)

- Jornalista como especialista em generalidades

Rossi (1988) garante que a imprensa brasileira ainda não venceu a regra não escrita de que o jornalista é um especialista em generalidades ou, em outras palavras, um sujeito que sabe pouco de muitas coisas.

Essa teoria empurra o jornalista num dia para uma entrevista sobre urbanismo, no dia seguinte para uma reportagem sobre energia nuclear, no terceiro dia para uma entrevista com, digamos, o ministro de relações exteriores da Arábia Saudita, um dia depois para um trabalho sobre transporte de massa – e assim por diante. (ROSSI, p. 74)

O desconhecimento sobre alguns assuntos por parte dos jornalistas tem a sua influência sobre o texto traduzido. Ao ser especialista em generalidades, o profissional da imprensa tem maiores dificuldades para traduzir textos que tratem sobre um assunto que ele não domina profundamente. Mesmo assim, pela característica do trabalho nas redações (como agilidade e pressão do tempo), ele terá que realizar o serviço sem ter a possibilidade de buscar novos subsídios que facilitariam a tarefa.

- Os filtros

A tradução jornalística também pode ser influenciada por diferentes filtros pelos quais passa qualquer reportagem. Segundo Rossi (1988, p. 43), um deles é o enfoque da matéria a ser veiculada, que será determinado pela chefia.

O segundo filtro seria o tamanho, já que cabe também ao editor decidir se uma determinada reportagem merece 60 ou apenas 20 linhas. Esta decisão, explica Rossi, obedece a critérios não apenas políticos ou jornalísticos, mas também ao espaço que uma editoria (estrutura dentro de um meio que trata de um determinado assunto como economia, esportes, polícia etc.) dispõe para publicar todo o material que recebe em determinado dia.

1.3.4 – A transposição cultural na tradução de textos jornalísticos

A professora do curso de Estudos da Tradução da UFSC, Meta Zipser, na sua tese de doutorado “Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural”, analisa a influência da cultura na tradução de textos jornalísticos. Baseada na teoria de Frank Esser e Christiane Nord, a autora mostra como as tradições têm um papel preponderante na confecção dos textos noticiosos. “Um mesmo fato noticioso sofre deslocamento na perspectiva de enfoque ao passar de uma língua/cultura para outra e isso

acarreta conseqüências para a tradução. A tradução do texto-fonte que noticia o fato, realizada segundo critérios de fidelidade ao texto e à cultura de partida, não constitui necessariamente um texto jornalístico.” (Zipser, p. 6) Este poderá ser transformado em outro texto, como lembra a autora:

Mas ela (*a tradução*) pode existir e ser publicada como matéria assinada ou então servir de insumo, nas redações dos órgãos de imprensa, para a elaboração de um outro texto. Este outro texto, por sua vez, ‘traduz’ o fato a ser noticiado, agora a partir da perspectiva da cultura que será destinatária da notícia. E essa ‘tradução’, neste caso, coloca em discussão os limites do que se convencionou chamar de ‘fidelidade em tradução’, já que a notícia apresentada ao público pela imprensa escrita em culturas diferentes pode ser considerada tradução desse fato noticioso, mas no sentido de uma representação cultural. (ZIPSER, p. 7)

– A interculturalidade, segundo Christiane Nord

A teoria de Christiane Nord se baseia na influência das culturas no processo de tradução, ou seja, num contexto intercultural. Para a autora, o processo e o resultado de uma tradução se articulam a partir de um confronto entre duas culturas. O tradutor, gerenciador desse processo, é intermediador entre as culturas envolvidas e realiza seu trabalho com vistas à execução de uma tarefa determinada. Nesta concepção, o receptor é o agente mais importante, no qual o tradutor cumpre a sua tarefa priorizando a cultura de chegada. Assim, o texto só adquire sentido no momento da recepção por parte do destinatário.

Segundo Zipser (2002), a linha de pesquisa de Nord interage com a lingüística do texto e com os modelos funcionalistas da linguagem:

A autora trabalha num modelo lingüístico-textual especificamente voltado à tradução, cujos objetivos são: (1) oferecer subsídios para a compreensão e análise do texto-fonte (TF), o texto a ser traduzido; (2) propiciar, com base na função do texto traduzido, critérios capazes de nortear a estratégia de tradução; e (3), ‘fechando o círculo’, oferecer critérios que sirvam a uma avaliação do texto traduzido. (ZIPSER, p. 36)

Nord define ‘cultura’ como uma comunidade ou grupo que se diferencia de outras comunidades ou grupos por formas comuns de comportamento e ação. “Os espaços culturais, portanto, não coincidem necessariamente com unidades geográficas, lingüísticas ou mesmo políticas.” (*apud* Zipser, 2002, p. 38)

Ao explicar a noção de “função de um texto” ou “tradução”, Nord ressalta que o ponto de partida para uma teoria funcional da translação é o reconhecimento de que os textos estão inseridos numa situação comunicativa e fazem parte de um jogo comunicativo:

Além dos elementos lingüísticos e/ou não lingüísticos, portadores de informação, fazem parte desse jogo comunicativo os próprios interlocutores (‘comunicadores’), que trazem consigo a experiência e as expectativas de outros textos, sempre marcadas culturalmente, além de seu conhecimento de mundo, hábitos de comportamento, sistema de valores, intenções comunicativas etc. A ‘ação’ de elaborar um texto, portanto, não termina com a elaboração de um texto (a ser transmitido por meio de oralidade ou no ambiente da escrita), mas somente da recepção pelo destinatário. O emissor tem uma certa intenção comunicativa, que ele expressa no texto, mas o fato de essa intenção atingir ou não seus objetivos depende da ‘colaboração’ do receptor. (*apud* ZIPSER, 2002, p. 38)

Assim, a função do texto depende do receptor. As condições situacionais, nas quais certas funções textuais prevalecem sobre outras, e os sinais de intenção do texto exercem importante papel nesse processo. Também atuam na recepção “as necessidades comunicativas individuais do receptor” que pode priorizar uma parte do texto em detrimento de outra. Para o funcionalismo de Nord, a tradução é um processo eminentemente prospectivo, voltado para o destinatário que quer atingir.

Segundo Zipser, o paralelo entre a teoria prospectiva de Nord e o texto jornalístico é possível, pois que o jornalista (emissor) apresenta um fato noticioso ao seu leitor. Sendo o texto jornalístico um produto vendável, este se adapta prioritariamente ao público leitor.

Assim, Zipser define o texto jornalístico como uma “tradução prospectiva de um fato noticioso”.

Assim como na tradução, somente o destinatário – o leitor – fecha o círculo de produção e recepção do texto jornalístico e está no centro da definição de sua função: o texto oferece a informação, que será

processada pelo leitor e transformada (ou não) numa opinião a respeito do fato. Se o leitor não ‘colaborar’, adquirindo o texto – no caso deste trabalho, um jornal ou uma revista -, para lê-lo, informar-se e formar sua opinião a respeito, o texto jornalístico não terá razão de ser. (ZIPSER, 2002, p. 41)

Zipser destaca o “filtro cultural” que o tradutor utiliza para transferir uma idéia do texto-fonte para o texto-meta, observando o texto-fonte através dos “óculos” da cultura de chegada. Ela mostra que as diferenças no enfoque de um fato noticioso estão marcadas e são definidas por esse ‘filtro cultural’, que pode ser mais ou menos fechado. Dependendo da distância que separam as culturas envolvidas. E cita Nord:

Quanto mais próximo, por exemplo, o tradutor estiver de seu leitor-alvo, no que se refere à formação cultural, idade, status etc., tanto mais fácil deveria ser, transportar-se para o lugar de seu receptor e imaginar com que tipo de texto-meta ele melhor se identificaria. (NORD, 1988, *apud* ZIPSER, p. 43).

Zipser garante que um fato noticioso supranacional deixará o público receptor de uma outra cultura mais propenso a aceitar de forma acrítica o enfoque dado pelo jornalista-emissor. Isso se deve ao fato do receptor não ter o conhecimento suficiente das circunstâncias histórico-sociais e ideológicas que culminaram na notícia.

Nord aplica à tradução as seis perguntas básicas que um texto jornalístico deve responder nas suas primeiras linhas: o quê, quem, onde, quando, como e por quê. O objetivo é clarear a linha pragmática do texto estabelecendo os limites entre função textual, efeito do texto e intenção do emissor.

Zipser explica que a função textual diz respeito aos fatores externos do texto, ou seja, todos aqueles que fazem parte da situação comunicativa, na qual o texto deve realizar a sua função. “A função do texto é definida a partir da combinação de variáveis atuantes numa situação real de produção e recepção, na qual os elementos específicos a considerar são: emissor, papel do emissor, meio, lugar, tempo e propósito de um evento comunicativo.” (p. 46). Já os fatores internos do texto são temática, conteúdo, pressuposição, marcas supra-segmentais, marcas não-verbais, estrutura textual, léxico e sintaxe.

Assim, comparar os fatores externos e internos dos textos fonte e alvo permite ao tradutor, antes mesmo de iniciar o seu trabalho, “ter uma visão ampla não apenas do texto a ser traduzido, mas também a tarefa e de uma vasta gama de elementos e variáveis envolvidos no processo” (p. 46). Dessa forma, poderá antecipar possíveis problemas na hora de traduzir.

Zipser resume, assim, a teoria funcionalista:

Para o funcionalismo, o processo de análise de um texto traduzido ou a ser traduzido deve começar do ‘maior para o menor’: dos elementos externos ao texto, que o caracterizam como um todo e o localizam, para os níveis de análise mais pontuais. Assim, por exemplo, as informações necessárias para a contextualização do texto, extraídas de seus elementos externos –emissor, meio, data, lugar, entre outros– estabelecem, desde o início, a moldura dentro da qual iremos avaliar o emprego dos elementos internos – emprego do léxico, marcas supra-segmentais, elementos não-verbais entre outros. (ZIPSER, p. 52)

E conclui, dizendo que a combinação de fatores externos e internos determina a função de um texto. “Mudando-se um desses fatores, ocorre um deslocamento, uma modificação na função.” (p. 52)

– Influências culturais na tradução, de acordo com Frank Esser

O jornalista Frank Esser (*apud* Zipser, 2002) defende a teoria da interculturalidade, para a análise da tradução de textos jornalísticos. Ele parte da premissa de que para cada cultura é feito um texto jornalístico diferente, de acordo com o público receptor. Assim, o autor compara as instâncias que influenciam o fazer jornalístico em dois países distintos (como tradição da imprensa, política de mídia, ética profissional, procedimentos e limitações nas redações) e fornece um panorama abrangente da dinâmica do jornalismo de cada cultura.

Zipser garante que através de Esser é possível chegar a um conceito de tradução no universo discursivo do jornalismo: a noção consensual de tradução como transcodificação, coexistindo com uma visão de tradução entendida como representação cultural.

A autora faz uma crítica à forma como são realizadas as traduções na imprensa, faltando uma reflexão mais sistematizada sobre o assunto:

Nos jornais e revistas, há matérias assumidamente traduzidas, nas quais se reserva ao autor e ao tradutor o crédito do trabalho, e outras que – tendo sido traduzidas a partir de informações de agências ou de outros veículos de comunicação, aparecem ‘refeitas’ nos jornais e revistas, sem a devida menção ao autor e ao crédito. (ZIPSER, p. 17)

Assim, segundo a autora, existem no ambiente jornalístico duas concepções de tradução, que podem influenciar o trabalho final: “Uma mais voltada à letra e, portanto, assinada, e outra mais ampla, que concebe o texto traduzido primeiramente como insumo para ser retrabalhado por outros profissionais, até se transformar em notícia.” (p. 18)

Esser vincula a visão de produção de sentido à esfera social e à noção de cultura. Somente a partir de comparações entre duas culturas internacionais é possível identificar os fatores de influência que permitem que o jornalismo de cada país possa ter a sua identidade nacional e cultural.

Zipser afirma que para Esser, o pesquisador, quando em contexto estrangeiro, tende a partir de seus próprios parâmetros (de sua cultura e conhecimento da situação), na análise das circunstâncias e fatos, o que pode ter graves conseqüências para a tradução:

Um estudo comparado em nível internacional traz perigos. Em país estrangeiro, o pesquisador de campo observa seu objeto de estudo através da lente do estrangeiro e avalia o percebido a partir dos parâmetros de sua terra natal. Isso pode levar a mal-entendidos, críticas precipitadas e glorificações. (ESSER, 1998, *apud* ZIPSER, 23)

Esser criou a “metáfora da cebola”, na qual cada camada da casca representa um fator de influência externa no texto jornalístico como, por exemplo, os fundamentos sociais, históricos e jurídicos. Na mesma escala de importância estaria o nível ético e profissional do jornalista.

Frank Esser retrata níveis em que podem ocorrer interferências na atuação do jornalista nos contextos situacional e cultural. A seguir, serão analisadas as quatro esferas destacadas pelo autor, como fatores que influenciam o texto jornalístico: esfera social, esfera estrutural da mídia, esfera institucional e esfera subjetiva:

A – Esfera social

Refere-se à moldura histórico-cultural da atividade jornalística. Estuda, entre outras características, a liberdade de imprensa, tradição jornalística, conceito de objetividade e cultura política. Esta esfera serve de moldura para todos os fatores de influência que atuam sobre a atividade jornalística.

B – Esfera cultural da mídia

A segunda camada se refere às normas jurídicas e econômicas da imprensa como, por exemplo, o mercado da mídia, direito à imprensa, princípios éticos e formação do jornalista.

C – Esfera institucional

Estuda o nível organizacional da imprensa, influenciados, entre outros, pelo perfil da atividade, a estrutura organizacional e a distribuição de competência na redação e edição, o procedimento de controle e tecnologia da redação.

D – Esfera subjetiva

É o centro do modelo. Engloba a subjetividade na produção jornalística, o posicionamento político e como cada profissional entende o seu papel.

Os vários níveis interagem e se influenciam reciprocamente, não atuando de forma isolada. Assim, as quatro esferas moldam o fazer jornalístico. A camada externa evita que aspectos subjetivos do jornalista apareçam sem uma prévia filtragem. Porém, os sindicatos e associações, componentes da esfera da mídia, pressionam as camadas externas impedindo posições generalizadas.

Aqui também se insere o conceito de neutralidade e objetividade almejada pelo profissional da imprensa conforme orienta a ética jornalística. É importante destacar que a imparcialidade é uma meta a ser buscada constantemente, como caminho a ser seguido, porém, impossível de ser realizada completamente. Como bem lembra Bucci, ‘a objetividade nunca é mais que uma tentativa bem intencionada’ (*apud* Zipser, 2000, p. 32) Zipser afirma que “a questão da tradução no jornalismo fica colocada em termos culturais e não meramente como uma transcodificação lingüística”. (p.33)

A autora destaca ainda que o modelo de Esser ajuda a explicar e justificar diferentes enfoques e abordagens dadas à notícia. Assim, os parâmetros do autor condicionam a avaliação e interpretação dos fatos pelos jornalistas e também devem nortear o trabalho do tradutor de textos jornalísticos.

- A invisibilidade do tradutor no texto jornalístico: a teoria de Venuti aplicada à mídia

É intenção de esta pesquisa adaptar a teoria da invisibilidade do tradutor de Lawrence Venuti (1995) ao texto jornalístico. Comparando este modelo à teoria da comunicação, apresentada por Adelmo Genro (1997) e Vera Chaia (2004), tenta-se mostrar que o jornalista, como tradutor cultural, dentro do conceito de Michaela Wolf (1995, p.128), na maioria das vezes fica a serviço de uma ideologia. Esta ideologia é representada pelos donos dos meios de comunicação ou pelos detentores do poder, ou seja, as classes dominantes.

Venuti (p.111) liga a invisibilidade do tradutor a dois aspectos: um diz respeito à reação do leitor à tradução, que normalmente encara o texto como se fosse o original. O outro aspecto é o critério segundo o qual a tradução é produzida e avaliada. Ela é considerada aceitável quando sua leitura é fluente: quanto mais “bem-sucedida” a tradução, maior a invisibilidade do tradutor, e maior a visibilidade do autor ou do significado original.

Como tradutor cultural, o profissional da imprensa está sujeito a processos de decisão sobre a apresentação dos fatos. “A tradução é um processo de decisões: uma série de situações consecutivas que impõem ao tradutor a necessidade de escolher entre um número determinado de alternativas” (Levy *apud* Venuti, p. 113). Assim, o jornalista diante de um fato escolhe uma visão para transformá-lo em notícia. Esta escolha depende daquilo que é publicável, segundo as determinações da ideologia dominante. Como veremos na seqüência deste trabalho, a publicabilidade depende do que Venuti denomina “fluência”, baseada na consumibilidade do produto. Nesse sentido, o jornalista ao escrever um texto está alicerçado numa série de conceitos que representam uma cultura determinada pela sua vivência e reforçada pelos “anseios” e “orientações” dos donos dos meios de comunicação.

- O leitor e a invisibilidade do autor

O leitor de um texto jornalístico, assim como o de um texto traduzido, na maioria das vezes recebe o texto como se fosse a única e real visão de um fato (Venuti, p.111). Assim, a visibilidade do autor no texto jornalístico se manifesta no momento em que não há um questionamento sobre a existência de uma outra visão para a notícia. O público recebe essa informação como se fosse a única possível, e poucas vezes lhe é possibilitada uma outra leitura da realidade. Outra possibilidade, por exemplo, seria a leitura de um outro jornal, porém, isto poucas vezes acontece, já que são poucos os leitores que lêem mais de um periódico diário.

Chaia, em seu livro *Jornalismo e Política* (1995), explica essa influência da mídia nos leitores: “Quanto menor é a experiência direta que as pessoas têm de uma determinada área temática, mais essa experiência dependerá dos *mass media* para se possuir as informações e os quadros interpretativos referentes a essa área” (Wolf *apud* Chaia, 2004, p. 11). Portanto, o jornalista pode ser identificado como um transformador da realidade, a partir do momento em

que descreve no texto um fato que nunca chega a ser o fato em si. É uma versão do fato, uma percepção única, determinada pela escolha das palavras, pela interpretação própria.

- O 'processo produtivo' de Althusser no jornalismo

Nesta parte do estudo pretende-se aplicar ao jornalismo a abordagem de Venuti (p. 116) sobre os três momentos do “processo produtivo” apontados por Louis Althusser: a “matéria-prima”, o “trabalho de transformação” e, finalmente, o “produto”. Quando este modelo é aplicado à produção do texto jornalístico, pode se dizer que a matéria-prima é o acontecimento, a notícia. Já a produção de um texto é o trabalho de transformação, delimitada por uma teoria, geralmente baseada na ideologia patronal predominante. Venuti explica este princípio:

Essa teoria é determinada no sentido de que, em primeira instância ela é um produto da transformação, seja esta feita pelo autor ou pelo tradutor, de um campo conceitual (estilo, movimento, corrente intelectual) que tem uma existência anterior, seja na cultura passada ou na contemporânea. (VENUTI, p. 116)

Essa matéria-prima e a sua transformação seguem uma determinada ideologia que, segundo Venuti, pode ser definida como:

Um conjunto de valores, crenças e representações sociais que são concretizadas na experiência vivida e servem, em última instância, os interesses de uma classe definida. Em outras palavras, a ideologia é constituída, de um lado, por cada um dos momentos em uma prática social, e de outro lado, pelas relações de produção ou pelas relações de classe nas quais essa prática é situada, e atua como mediadora entre estes dois termos. (VENUTI, p. 116)

Assim, garante Venuti, em vista dessas determinações ideológicas, o produto resultante do trabalho transformativo, neste caso o texto jornalístico, pode ser visto como algo que implica em outro ponto de vista ideológico, “possivelmente uma sedimentação de

ideologias, dependendo do grau de transformação sofrido pela matéria-prima ao converter-se no produto”.

A relação entre a ideologia e a estratégia de transformação utilizada pelo autor é, segundo Venuti, o momento-chave do processo produtivo, transformando-se no campo conceitual no qual ele faz as suas escolhas interpretativas. Assim, o autor/jornalista é influenciado pela exigência contemporânea de fluência e facilidade de leitura para transformar o texto num produto “consumível”, segundo os valores econômicos vigentes. Venuti explica:

A consumibilidade é a ideologia que media a produção fluente e a sua transformação em mercadoria: ela está inscrita na materialidade do texto e situa esse texto nas relações de produção existentes. A ideologia da consumibilidade pode ser considerada como um determinante externo da tradução: ela é imposta por revisores e editores, em parte em função dos índices de venda, o que significa que ela liga o texto a outra prática social, relativamente autônoma – de forma específica a indústria editorial; de forma mais geral, às práticas econômicas adotadas nas formações sociais capitalistas (VENUTI, p. 118).

Esta consumibilidade também está presente no jornalismo. O processo se inicia com a seleção das notícias a serem publicadas, que tem relação direta com o que os detentores da mídia imaginam ser de “interesse público”.

A seleção da parte do real que vai sair no jornal do dia seguinte ou no telejornal da noite começa desde a elaboração da pauta, passando pela escolha das fontes, pelos cortes, enquadramentos e ênfases subsequentes dos diagramadores e dos editores, num processo complexo e sujeito, em todo o percurso, a pressões e condicionamentos políticos, ideológicos e econômicos. (MOTTA *apud* CHAIA, p. 11)

Portanto, explica Motta, as notícias selecionadas sofrem um processo complexo de elaboração, envolvendo repórteres, editores, proprietários de jornais, políticos, lobbies, que influenciam e condicionam a inclusão ou exclusão de determinadas matérias.

- O “sujeito transcendental” a serviço da ideologia dominante

No mercado editorial, segundo Venuti, o texto (traduzido ou não) é considerado aceitável por redatores, revisores e leitores, quando sua leitura é fluente, sem passagens

canhestras. Esta fluência pressupõe o conceito de “sujeito humano” como consciência livre e unificada que transcende as limitações impostas pela língua e pelo contexto histórico, e que é a origem do significado, do conhecimento e da ação. Esse “sujeito transcendental”, de acordo com Venuti (p. 117), é um pressuposto teórico do modo de produção capitalista, já que “define o autor como o significado último do texto e privilegia o leitor como o árbitro absoluto deste significado”.

O conceito é mais conhecido como “individualismo burguês”, ideologia que apresenta os agentes como indivíduos livres, iguais e autônomos, facilitando o funcionamento das estruturas jurídico-políticas burguesas, como o contrato de trabalho e a propriedade privada capitalista. Nesse sentido, Venuti explica que a estratégia de fluência é o produto determinado por duas ideologias burguesas – consumibilidade e individualismo – reproduzindo as relações capitalistas de produção, nas quais o texto está inserido.

2 – Análise e classificação das diferenças na tradução de textos jornalísticos

A análise feita a seguir, visa a apontar os principais desvios na tradução de textos jornalísticos. Como já foi explicado na *Introdução*, foram analisadas dez traduções de textos jornalísticos do espanhol para o português. Cinco deles são do *Diário Catarinense* e foram publicados originalmente no jornal *La Nación*, da Argentina, e os outros cinco textos são da *Folha de S.Paulo*, cujos originais provêm do jornal *El País*, da Espanha.

As prováveis causas das divergências na tradução, classificados a seguir, são deduções do autor desta pesquisa, baseado nos levantamentos teóricos e na experiência própria pelo contato diário de mais de duas décadas com os dois idiomas. Não significa, porém, uma afirmativa conclusiva, já que os motivos para as diferenças podem ser diversos e não exclusivamente os apontados nesta pesquisa.

As principais mudanças na tradução dos textos jornalísticos podem ser classificadas da seguinte maneira:

1 – ADAPTAÇÃO (Mudanças conscientes)

1.1 – Omissão:

1.1.1 - Omissão por dificuldade de tradução

1.1.2 - Omissão de advérbios e adjetivos

1.1.3 - Omissão simples

1.2 – Adição:

1.2.1 - Adição com adaptação à cultura de chegada

1.2.2 - Adição de informações de cultura geral

1.2.3 - Adição de informações de conhecimentos específicos

1.2.4 - Adição de informações desconhecidas

1.3 – Mudança na narrativa:

1.3.1 - Abolição de metáforas

1.3.2 - Redução da frase

1.4 – Correção do texto fonte

2 – ERROS (Mudanças inconscientes)

2.1 – Falsos amigos

2.2 – Tradução literal equivocada

2.3 – Erros diversos

Para identificar a origem das frases analisadas, foi produzida uma listagem com as palavras-chave das matérias jornalísticas, acompanhadas do número de cada anexo. Este número, no final da frase original analisada, identificará cada uma das reportagens. Nesta listagem também é apontado o número de caracteres de cada reportagem, para servir como referência para as conclusões finais desta investigação.

Anexo 1 – Contrato Ronaldo (4,2 mil caracteres com espaços)

Anexo 2 – Efeitos álcool (4,7 mil)

Anexo 3 – Copa América (3,5 mil)

Anexo 4 – Atentado na Espanha (7,8 mil)

Anexo 5 – Cônsul argentino (2,3 mil)

Anexo 6 – Bridget Jones (3,8 mil)

Anexo 7 – Livro Maitena (5,3 mil)

Anexo 8 – Mar Adentro (6,3 mil)

Anexo 9 – Robert Redford (5,1 mil)

Anexo 10 – Filme Almodóvar (6,8 mil)

Os textos publicados na *Folha de S.Paulo*, anexos 1 a 5, somaram 22,5 mil caracteres incluindo os espaços. Já os textos do *Diário Catarinense*, anexos 6 a 10, somaram 27,3 mil caracteres com espaços.

As frases analisadas, original e tradução, foram delimitadas com um quadro, e para facilitar a leitura, as palavras ou expressões que apresentam alguma diferença foram sublinhadas.

1 - ADAPTAÇÃO (Mudanças conscientes)

1.1 – Omissão

A omissão ocorre quando o tradutor deixa de traduzir uma palavra ou frase do texto original no texto de chegada. As razões aduzidas para as omissões são sempre, necessariamente, tentativas de explicação do autor deste estudo.

1.1.1 - Omissão por dificuldade de tradução (quatro ocorrências)

Neste tipo de omissão, o tradutor aparentemente se confronta com termos ou expressões difíceis de traduzir. Esta dificuldade pode ser atribuída ao desconhecimento ou à falta de uma palavra correspondente no português. Por esse motivo, se opta por ignorar a palavra ou a frase no texto de chegada. Na maioria dos desvios analisados, a palavra ou frase omitida não é essencial para o entendimento da matéria jornalística.

- *Sí, a veces me mareaba y me confundía al escribir. (10)*

- Sim, às vezes eu mesmo me confundia ao escrever.

O tradutor optou por omitir o termo ‘mareaba¹’ provavelmente pela dificuldade em achar uma palavra que tivesse o mesmo sentido em português. Na língua de partida, ‘marear’ tem o sentido figurativo de ‘estar atrapalhado’, apesar de seu significado estar ligado exclusivamente à tontura produzida no homem pelo movimento de uma embarcação, veículo ou por causa de uma doença. A expressão ‘ficar mareado’ é usada em português exclusivamente para o enjôo produzido pelo balançar de barcos. Uma pesquisa no site do Google com a expressão ‘ficar mareado’, produziu 19 incidências, todas relacionadas à navegação. Por isso, não poderia ser usada. Colocar no texto um termo similar a ‘me mareaba’ (‘ficava tonto’, por exemplo) poderia confundir o leitor e não acrescentaria informações relevantes que já não estivessem na expressão ‘me confundia’.

¹ **Marear:** De mar.

1. tr. Poner en movimiento una embarcación en el mar; gobernarla o dirigirla.

2. [tr.]V. carta de marear.

3. [tr.]p. us. Vender en público o despachar las mercancías.

4. [tr.]fig. y fam. Enfadar, molestar. Ú. t. c. intr.

5. [tr.]And. rehogar.

6. intr. ant. Hacer viaje por el agua con embarcación, navegar. Usáb. t. c. tr.

7. prnl. Desazonarse uno, turbársele la cabeza y revolvérsele el estómago; lo cual suele suceder con el movimiento de la embarcación o del carruaje y también en el principio o el curso de algunas enfermedades.

8. [prnl.]Embriagarse ligeramente.

9. [prnl.]Averiarse los géneros en el mar. (Dicionário da Real Academia de Espanha - DRAE)

- *Se casó, se divorció, puso un quiosco y un restaurante. (7)*

- Casou-se, divorciou-se, abriu um restaurante.

A omissão da palavra ‘quiosco²’ pode estar relacionada à dificuldade em traduzi-la para o português. Na Argentina, o termo refere-se a um pequeno local onde se vendem principalmente guloseimas e cigarros. Em menor proporção também podem ser comercializados outros produtos como pilhas, fósforos, isqueiros etc. Muito comum na Argentina, é um pequeno comércio de conveniências parecido com o ‘caixa’ de uma lanchonete no Brasil. A dificuldade de tradução se dá porque praticamente inexistente no Brasil um comércio similar ao ‘quiosco’. ‘Quiosque’ em português representa um pavilhão, um espaço físico para os mais diferentes usos, como venda de lanches, bebidas e revistas.

- *Durante un tiempo fué patovica y bailarín de striptease... (8)*

- Durante um tempo foi dançarino de strip-tease...

A omissão da palavra ‘patovica’ não é por acaso. Provavelmente o tradutor não conseguiu identificar seu significado, já que não figura nos dicionários da língua espanhola. É uma gíria argentina que representa a profissão de ‘segurança’, com perfil másculo e rude, como o segurança de uma boate, show, etc.

- *Mis otros chicos también escribían cartas a Papa Noel, a los Reyes. (7)*

- Meus outros filhos também escreviam (*dentro do contexto da matéria se subentende que é ao Papai Noel*).

² **Quiosco:** Del ár. kusk.

1. m. Templete o pabellón de estilo oriental y generalmente abierto por todos lados, que se construye en azoteas, jardines, etc., para descansar, tomar el fresco, recrear la vista y otros usos.

2. [m.] Construcción pequeña que se instala en la calle o lugares públicos para vender en ella periódicos, flores, etc. de necesidad.

1. Retrete público. (DRAE)

Como não é costume no Brasil escrever cartas aos Reis Magos, o tradutor omitiu a expressão, evitando assim uma explicação que pouco acrescentaria ao texto.

1.1.2 - Omissão de advérbio, adjetivo, conjunção e verbo (sete ocorrências)

Na tentativa de deixar o texto mais direto, o tradutor omite um advérbio, adjetivo, conjunção ou verbo. O principal motivo seria enquadrar a matéria dentro dos padrões jornalísticos de objetividade, síntese e facilidade de leitura.

- | |
|--|
| <p>- <i>La soltera inglesa <u>todavía</u> esta felizmente enamorada de Mark Darcy...</i> (6)
 - Agora, a solteira inglesa está feliz namorando Mark Darcy (Colin Firth).</p> |
|--|

Foi omitida a palavra ‘todavía’, o que indicaria a continuidade do namoro. O ideal seria ter acrescentado o termo ‘ainda’.

- | |
|---|
| <p>- <i>Es por eso que <u>creo</u> que el viejo dicho de que las rubias se divierten más es sólo una suposición.</i> (6)
 - Por isso que o velho ditado de que as loiras se divertem mais é só uma suposição.</p> |
|---|

No original ainda existe certa dúvida - ‘creo’ -, enquanto que no texto de chegada há uma afirmação categórica. O correto teria sido: ‘*Por isso, acho que o velho ditado...*’

- | |
|--|
| <p>- <i>Lo que es excelente es que <u>incluso</u> hay hombres que desean contarme sus problemas românticos.</i> (6)
 - O legal é que há homens que querem me contar seus problemas românticos.</p> |
|--|

Na tradução é omitida a palavra ‘incluso’ – em português, inclusive –, o que distorce levemente o sentido da frase original.

- | |
|---|
| <p>- <i>Había <u>como</u> una cultura de la droga.</i> (9)
 - Havia uma cultura da droga.</p> |
|---|

O termo ‘como’ neste caso tem uma conotação de dúvida, subentende-se a expressão ‘como se fosse’. O tradutor omitiu a palavra e deixou a frase no afirmativo.

- | |
|--|
| <p>- ...<i>las películas de altos presupuestos <u>siempre</u> vienen con un peso extra.</i> (9)
 - ... os filmes de altos investimentos vêm com um peso extra.</p> |
|--|

A palavra ‘siempre’ reforça a afirmação e ao ser omitida na tradução descaracteriza o texto original.

- | |
|---|
| <p>- <i>En un día <u>soleado</u> de otoño en el hotel Four Seasons...</i> (6)
 - Em um dia de outono no hotel Four Seasons...</p> |
|---|

Provavelmente, o tradutor não considerou importante a informação sobre o dia ensolarado – ‘soleado’.

- | |
|--|
| <p>- ... <i>nos produce el efecto <u>hedónico</u> y placentero.</i> (2)
 - ... produz um efeito prazeroso.</p> |
|--|

O tradutor omitiu a palavra ‘hedônico’ provavelmente por entender que o seu conceito semântico já estivesse contido no termo ‘prazeroso’.

1.1.3 - Omissão simples (três ocorrências)

No texto de chegada não constam determinadas palavras ou frases. Um dos motivos pode ser o enquadramento do texto original no espaço determinado no jornal da publicação no Brasil, que muitas vezes é menor. Outra causa também pode ser a omissão de uma frase para evitar ter que explicar algo que está no original e que não existe na tradição da língua de chegada.

- *Con una risita nerviosa, la actriz agregó: ‘Es solo esa cosa que las mujeres les hacen a los hombres. (6)*

- Para Renée, a personagem que encarna nas telas lembra em muito as mulheres na vida real.

O tradutor omitiu uma frase inteira do texto fonte e acrescentou outra que não existe no original. Foi colocada como introdução a uma declaração da atriz.

- *No es su estilo, por la magnitud y la crueldad, aunque también han cometido atentados indiscriminados en Madrid. (4)*

- Não é o seu estilo, mas também cometeram atentados indiscriminados em Madri.

A omissão do ‘estilo da ETA’ compromete a frase e deixa estranha a expressão ‘mas também’. O mais adequado seria usar ‘embora também’, já que a palavra ‘aunque’ se identifica mais com ‘embora’. Ao deixar de explicar o estilo da ETA, o tradutor privou o leitor brasileiro de conhecer mais profundamente o grupo terrorista espanhol.

- *‘... necesito simplemente un poco de tiempo de relajamiento para ser sólo una chica’, expresó. Bridget lo entendería. (6)*

- ‘... preciso de um pouco de tempo para relaxar’, afirma.

Foi omitida uma parte da primeira frase e também a frase completa ao final do parágrafo. Esta última não deveria ficar de fora, já que é o encerramento ‘artístico’ do texto jornalístico, ao fazer referência à personagem do filme (Bridget) que ‘entenderia’ o anseio da atriz (Renée).

1.2 – Adição

A adição ocorre quando o tradutor acrescenta no texto de chegada um termo, frase ou explicação que não aparece no original.

1.2.1 - Adição com adaptação à cultura de chegada (quatro ocorrências)

Há um acréscimo ou adequação de palavras e frases à cultura de chegada, através da substituição de termos ou através de informações extras. Esta adição é importante para o entendimento do texto original por parte do leitor brasileiro.

- *Creo que Bridget (...) tiene expectativas poco realistas acerca de ese héroe sobre un caballo blanco. (6)*
- Creio que Bridget (...) tem expectativas pouco realistas do mocinho vindo ao seu encontro em um cavalo branco.

Foi substituída a palavra ‘héroe’ por ‘mocinho’, adequando à linguagem do dia-a-dia no Brasil, dentro do contexto da esperança de uma mulher por um homem ideal. Também poderia ter usado a expressão ‘príncipe encantado’.

- *No se trata sólo de maquillaje, ni de raparse. (8)*
- Não se trata apenas de maquiagem, nem de raspar a barba ou os cabelos.

A palavra ‘raparse’³ em espanhol está diretamente relacionada com cortar rente os cabelos ou pelos. Já no português, só o termo ‘rapar’ ou ‘raspar’ não daria o significado exato, já que a palavra também tem outros sentidos. Por tanto, tornou-se necessária o acréscimo de ‘barba ou os cabelos’.

³ Rapar: Del germ. rapon.

1. tr. Rasurar o afeitar las barbas. Ú. t. c. prnl.

2. [tr.]Cortar el pelo al rape.

3. [tr.]fig. y fam. Hurtar o quitar con violencia alguna cosa. (DRAE)

- ...pero decidió volver con *The Clearing* (que en la Argentina se estrenará en noviembre). **(9)**
- Porém, decidiu voltar com *The Clearing* (ainda sem título no Brasil, com estréia prevista para novembro).

Foi oferecido um serviço ao leitor brasileiro, brindando informação sobre a estréia do filme no país. Não teria sentido colocar a estréia na Argentina.

- ...luego de la filmación de *Diarios de Motocicleta*, la película sobre el Che Guevara... **(9)**
- ...após a conclusão de *Diários de Motocicleta* (dirigido pelo brasileiro Walter Salles), o filme sobre o Che Guevara...

O tradutor acrescenta uma informação de interesse do leitor brasileiro ao mencionar que a direção do filme é de Walter Salles.

1.2.2 - Adição de informações de cultura geral (quatro ocorrências)

O tradutor amplia informações do texto original com explicações sobre um determinado fato histórico ou de cultura geral.

- ...o de haber formado parte de la movida madrileña de los años 80. **(10)**
- ...ou de ter tomado parte da ‘movida madrilenha’ (movimento libertário estético e cultural) nos anos 80.

O texto do *DC* acrescenta informações sobre a movida madrilenha que não estão no original. Esse movimento é mais conhecido na Argentina por viverem naquele país muitos descendentes de espanhóis. No Brasil, porém, esse fato histórico é praticamente desconhecido.

- ...*habia siete detonadores de fabricación española, una cinta comercial con versículos del corán y trazas de explosivo.* (4)

- ...*havia sete detonadores e fitas com versículos do Corão, habitualmente usados para aprender a língua árabe.*

O tradutor acrescenta a última frase para dar uma explicação extra que não está no original.

Ao mesmo tempo, porém, omite uma informação importante sobre o explosivo encontrado.

- ... *habrían atacado a España por haberse embarcado en 'la cruzada' de Bush.* (4)

- ... *teriam atacado a Espanha por ter embarcado na 'cruzada' de George Bush e Tony Blair contra o Afeganistão e o Iraque.*

O tradutor é mais detalhado e acrescenta informações do seu próprio conhecimento sobre o assunto.

- ...*desató la polémica con unas declaraciones en un acto sobre el 12 de octubre en las que reivindicó la conquista de América...* (5)

- ...*desencadeou uma polêmica com as declarações que fez em um ato sobre o 12 de outubro (descoberta da América) nas quais reivindicou a conquista do continente...*

A data de 12 de outubro é muito comemorada nos países hispano-americanos por causa da descoberta do continente, sendo, inclusive, feriado na maioria dos países. No Brasil, no entanto, a data é feriado por causa do Dia de Nossa Senhora Aparecida, além de ser o Dia das Crianças. Por isso, a comemoração do Dia do Descobrimento é praticamente ignorada. Assim, é justificável que o tradutor coloque uma explicação no texto.

1.2.3 - Adição de informações de conhecimentos específicos (cinco ocorrências)

O texto de chegada contém informações extras relacionadas a uma área específica, como cinema. Estes conhecimentos são de domínio do tradutor ou ele os procura em outra fonte.

- ... es contada por el director Alejandro Amenábar en *Mar adentro*, la película que no deja de cosechar premios internacionales (8)
- Em cartaz no Brasil a partir da próxima sexta, *Mar Adentro* valeu uma indicação ao Globo de Ouro de melhor ator em drama.

O texto de chegada é mais detalhado quanto às premiações recebidas pelo filme, além de acrescentar informações sobre a sua estréia no Brasil.

- *El español Javier Bardem consigue lo que pocos actores logran.* (8)
- O espanhol Javier Barden, 36 anos no próximo dia 1º de março, realiza o que poucos atores conseguem.

Como o texto traduzido foi publicado no dia 15 de fevereiro, próximo da data do aniversário do ator (o original foi publicado em 23 de janeiro), o tradutor optou por fazer referência ao fato, apesar de não constar na língua de partida.

- ... *Antes que anochezca* ... (8)
- ... Antes do Anoitecer (2000) ...

O texto do *DC* segue o padrão de colocar o ano em que o filme foi produzido, independente do original ter essa informação.

- *Perteneciente a la cuarta generación de una dinastía de actores...* (8)
- Pertencente à quarta geração de uma dinastia de atores e diretores...

A informação sobre os diretores não aparece no original, levando a crer que o tradutor tenha conseguido esse dado em outra fonte ou que fosse do seu próprio conhecimento.

- ... *Alexander Payne (Las confesiones del Dr. Schmidt y Entre copas)*. (8)
- ...Alexander Payne (o realizador de *Sideways* quer Bardem em seu próximo projeto).

No texto de chegada houve um acréscimo nas informações sobre o diretor, mas ao mesmo tempo, foram omitidos outros dados como, por exemplo, o nome de um dos filmes de Payne.

1.2.4 - Adição de informações desconhecidas (três ocorrências)

O tradutor acrescenta informações sem origem identificável, levantando dúvidas sobre a sua veracidade.

- *Los terroristas habrían contado con infraestructura para cargar las mochilas*. (4)
- Os terroristas teriam contado com um apartamento ou uma estrutura mínima para carregar as mochilas com explosivos.

O tradutor tenta deixar o texto mais claro que o original e acrescenta informações. Uma delas, ‘um apartamento’, é duvidosa, pois não fica claro de onde conseguiu esse dado suplementar.

- ... *reforzada com otro explosivo, posiblemente pentrita o un explosivo plástico*. (4)
- ... reforçada com outro explosivo, possivelmente um tipo diferente de dinamite, ou mais provavelmente, nitroglicerina.

Pentrita⁴ é um explosivo diferente da nitroglicerina⁵, com uma potência menor. O tradutor, para evitar dúvidas, optou pelo explosivo mais conhecido na língua de chegada. Fazer essa afirmação na Espanha seria questionável, já que os detalhes sobre qual foi o explosivo utilizado no atentado eram de muita importância para os espanhóis, diferentemente dos brasileiros.

⁴ Pentrita: Sólido cristalino de color blanco, insoluble en agua y alcohol y soluble en acetona, que se produce al nitrar fuertemente cierto polialcohol. Es uno de los explosivos rompedores más potentes. (DRAE)

⁵ Nitroglicerina: Trinitrato de glicerina, líquido, oleoso, utilizado em explosivos e em medicina no tratamento da angina (Dicionário Aurélio)

- *Zellweger se enteró de las protestas de quienes resienten la obsesión anticuada acerca de su soltería: ‘Eso nada tiene que ver...’ (6)*

- Bridget continua sonhando com a (sic) príncipe encantando (sic), mas Renée defende que a felicidade e a completude da mulher não estão em sua alma-gêmea. ‘Isso não tem nada a ver...’

A introdução do texto de chegada é completamente diferente do original e não está em nenhum outro lugar do texto fonte.

1.3 – Mudança na narrativa

O tradutor modifica a narrativa do texto original de duas maneiras: a abolição de metáforas e a redução das frases. O objetivo provavelmente seja prestar um serviço ao leitor, eliminando sentidos dúbios da língua de partida e deixando o texto mais conciso e objetivo.

1.3.1 – Abolição de metáforas (três ocorrências)

O tradutor transforma uma frase metafórica em frase direta, sem o sentido figurativo do original, provavelmente buscando deixar o texto mais claro para o leitor.

- *Zellweger sin duda se encuentra en la cima de la colina de Hollywood. (6)*

- Zellweger sem dúvida é uma das mais prestigiadas atrizes de Hollywood.

O texto de chegada perde a metáfora do original ao repassar a idéia da frase de forma direta.

- *...Robert Redford genera suspiros en millones de mujeres. (9)*

- ...Robert Redford já é capaz de provocar suspiros em milhares de mulheres.

O tradutor decidiu diminuir o legado de fans do ator, provavelmente por achar um exagero que milhões de mulheres ainda suspirassem por Redford.

- *Y al minuto de entrar, comenzó una nueva era. (9)*
- E logo que entrei em cena, começou uma nova etapa.

O tradutor preferiu deixar o texto mais claro para o leitor, dando uma mensagem mais direta e clara sobre o que o entrevistado estava dizendo.

1.3.2 – Redução da frase (três ocorrências)

O tradutor substituiu períodos longos por palavras ou frases mais curtas. Desta forma, é mais direto e objetivo.

- *Ya logró deshacerse de los casi 15 kilos que tuvo que aumentar para meterse en la piel de Bridget. (6)*
- Zellweger conta que já perdeu os 15 quilos que teve que engordar para entrar na pele de Bridget.

No original, é o jornalista que descreve os fatos, e na tradução é a atriz que ‘conta’.

- *Tiene que ver con que una mujer defina la felicidad por sí misma. (6)*
- A mulher tem que ser feliz por ela mesma.

Há uma sutil diferença entre os dois textos. No original, a atriz diz que a mulher tem que definir a felicidade, enquanto que a tradução afirma que a mulher tem que ser feliz.

- *A veces, es bueno tomar cierta distancia de hechos que a uno lo conmovieron tanto. (1)*
- Às vezes, é bom tomar certa distância de episódios tristes.

O tradutor optou pela simplificação da frase, provavelmente pela dificuldade em traduzir ‘*que a uno*’. A tradução mais adequada seria ‘que tanto me comoveram’.

1.4 – Correção do texto fonte (três ocorrências)

O texto traduzido corrige informações contidas no texto original, com base nos conhecimentos próprios do jornalista-tradutor. Os equívocos corrigidos se referem tanto a informações pontuais sobre cultura geral, quanto a erros gramaticais ou de digitação.

- *Este decimoquinto largometraje de Almodóvar carece... (10)*
 - Este 16º longa de Almodóvar (contabilizado Folle... Folle... Fólleme Tim, de 1978, em super-8)...

O texto de chegada corrige o original com informações sobre o número de filmes de autoria de Almodóvar.

- ... *el aporte de una lengua europea y de la religión cristiana, sea católica, ‘es mejor...’ (5)*
 - ... a contribuição de uma língua europeia e da religião cristã, ou seja, católica ‘é melhor...’

O tradutor ‘consertou’ um erro do texto fonte ao traduzir corretamente ‘sea’ (que deveria ser ‘o sea’) por ‘ou seja’.

- *Al mundo del cine entró em 1962 (...). Nadie se animaria a cuestionar sus 45 años de carrera... (9)*
 - E seu primeiro trabalho no cinema, um pequeno papel como soldado no drama de guerra War Hunt (1962) (...), depois de mais de 40 anos de carreira.

O texto foi escrito em 2004, o que daria exatos 42 anos de profissão. Porém, o texto original aponta 45 anos. Já a tradução foi mais exata, ‘mais de 40 anos’.

2 – ERROS

Na forma de ‘falsos amigos’, ‘tradução literal equivocada’ e ‘desacertos diversos’, o tradutor deixa o texto de chegada inexato, prejudicando o entendimento e levando o leitor a conclusões enganosas.

2.1 - Falsos amigos (oito ocorrências)

Muitas palavras em espanhol são semelhantes em português, mas podem ter significados diferentes, enganando o tradutor e, conseqüentemente, confundindo o leitor.

- *Por qué sólo ahora se animó a recuperar sus experiencias infantiles? (10)*
- Por que só agora o senhor se animou a recuperar suas experiências infantis?

O termo ‘*se animó*’ está relacionado a ‘ter coragem’ para fazer alguma coisa. Já em português, a expressão ‘animar’⁶, embora também se identifique com coragem, é mais utilizada como sinônimo de entusiasmo – ‘ficar animado’ com alguma coisa ou fato.

- *Durante muchos años estuve tentado de filmar esos recuerdos. (10)*
- Durante muitos anos, tentei filmar essas recordações.

O tradutor comete um deslize ao substituir ‘estuve tentado’ por ‘tentei’. A expressão devia ter sido traduzida como ‘estive tentado’ ou ‘tive a tentação’.

⁶ Animar: 1. tr. Vivificar el alma al cuerpo.

2. [tr.] Infundir vigor a un ser viviente.

3. [tr.] Infundir energía moral a uno.

4. [tr.] Excitar a una acción.

5. [tr.] En obras de arte, hacer que parezcan dotadas de vida.

6. [tr.] Tratándose de cosas inanimadas, comunicarles mayor vigor, intensidad y movimiento.

7. [tr.] Dotar de movimiento a cosas inanimadas.

8. [tr.] Dar movimiento, calor y vida a un concurso de gente o a un paraje. Ú. t. c. prnl.

9. intr. desus. Vivir, habitar o morar.

10. prnl. Cobrar ánimo y esfuerzo. (DRAE)

⁷ Animar: Criar ânimo; cobrar esperança; animar-se. (Aurélio)

- *Me permití tener alguna cosa más poética, no ser graciosa. (7)*
- Me permiti ter alguma coisa mais poética, sem ser graciosa.

A palavra “graciosa⁸” em espanhol está relacionada diretamente ao humor, embora também seja sinônimo de elegância, atrativo, beleza que é o significado mais usado no português.

- *...nunca esperó encontrar reposo para su inquietud sin fondo en el sitio donde vive ahora.*
(7)
- ...nunca esperou encontrar repouso para sua inquietude sem fundo no sítio em que vive agora.

O vocábulo “sitio⁹” em espanhol é mais usado como sinônimo de um lugar físico, um local, espaço, embora também possa ser sinônimo de uma casa de campo. Em português também existe o primeiro significado, porém, o termo é usado com mais frequência no Brasil para denominar uma chácara, um local no interior.

⁸ Graciosa (DRAE): Del lat. *gratiosus*.

1. adj. Aplícase a la persona o cosa cuyo aspecto tiene cierto atractivo que deleita a los que la miran.
 2. [adj.] Chistoso, agudo, lleno de donaire y gracia.
 3. [adj.] Que se da de balde o de gracia.
 4. [adj.] Aplícase como título de dignidad a los reyes de Inglaterra. Su GRACIOSA Majestad.
 5. [adj.] V. privilegio gracioso.
 6. m. En el teatro de Lope de Vega y sus seguidores, personaje típico, generalmente un criado, que se caracteriza por su ingenio y socarronería.
 7. m. y f. Actor dramático que ejecuta siempre el papel de carácter festivo y chistoso.
- Graciosa (Aurélio): Que tem, ou em que há graça (graça: atrativo de forma, de aspecto, de composição, de expressão, de gestos ou de movimentos.)

⁹ Sitio (DRAE): 1. m. Espacio que es ocupado o puede serlo por algo.

2. [m.] Lugar o terreno determinado que es a propósito para alguna cosa.
3. [m.] Casa campestre o hacienda de recreo de un personaje.

Sítio (Aurélio):

1. Lugar que um objeto ocupa.
2. Chão descoberto; espaço de terra; terreno.
3. Lugar, local, ponto.
4. Lugar assinalado por acontecimento notável.
5. Localidade, povoação.
6. Bras. Estabelecimento agrícola de pequena lavoura.
7. Bras. Fazendola.
8. Bras. Moradia rural, ou chácara nas imediações da cidade.
9. Bras. Trato1 (1) que se arrendou ou cedeu a moradores ou lavradores dum engenho de açúcar, mediante prestação de serviços ou partilha dos frutos.

- *A lo largo de doce semanas Bardem se entregaba cinco horas diárias... (8)*
- *Ao largo de 12 semanas, Bardem se entregava cinco horas diárias...*

A tradução mais adequada seria ‘ao longo de’, já que ‘ao largo’ significa ‘com pormenores’, de acordo com o *Dicionário Aurélio*.

- *En uno de los tantos centros que cayeron en el área brasileña. (3)*
- *Em um dos tantos centros que caíram na área brasileira.*

A expressão “centro”¹⁰ é muito usual na linguagem futebolística na Espanha e na Argentina para expressar a bola sendo cruzada para a área. Embora esse sentido também apareça no *Dicionário Aurélio*, a sua utilização no Brasil é praticamente nula, sendo substituída por ‘cruzamento na área’.

- *El balón pega en la espalda de Ayala. (3)*
- *A bola pega nas costas de Ayala.*

O termo correto seria ‘bate’ e não ‘pega’.

- *Desvío con un remate de cabeza. (3)*
- *Desviou com um arremate de cabeça.*

Um ‘arremate de cabeça’ é pouco usado no português (Google, oito registros), enquanto que ‘remate de cabeça’ é muito usual no idioma espanhol (Google, 7.470 registros). O tradutor poderia ter usado ‘desviou com uma cabeçada’, que se adaptaria melhor à linguagem do torcedor brasileiro.

¹⁰ Centro: Deporte. En el fútbol, acción y efecto de centrar. (DRAE)

2.2 - Tradução literal equivocada (nove ocorrências)

Nesta classificação há uma tradução literal de um termo que pode ser adequada em determinada situação textual, porém, se torna equivocada dependendo do contexto da frase.

- *En cambio, si se potencia el nivel de catalasa... (2)*
- Em troca, quando se potencializa o nível de catalasa...

O correto seria ‘por outro lado’ e não ‘em troca’, expressão que não representa o sentido do original. Na seqüência do texto, a frase volta a aparecer: “*En cambio, el alcohol es mucho más estable*”. Desta vez a tradução foi correta: “*Por outro lado, o álcool é muito mais estável*”.

- *El juego se dió al fin como podía esperarse en un clásico de tanta historia... (3)*
- O jogo ocorreu afinal como se poderia esperar em um clássico de tanta história...

O termo ‘afinal’ foge do sentido original de ‘al fin’. O mais correto seria usar ‘no fim’. Em português, ‘afinal’ é mais usado em questionamentos, como no seguinte exemplo: ‘Afina! quem é o melhor?’.

- *La luz de la ventaja argentina era escasa (3)*
- A luz da vantagem Argentina era escassa

A transposição da metáfora para o português não faz sentido. Se em espanhol a expressão já é pouco usada (apenas cinco registros no Google), no português é inexistente (nenhum registro no Google)

- *Me rompo toda. (7)*
- Me quebro toda.

A expressão ‘me rompo’, no espanhol coloquial na Argentina, é uma abreviatura da frase chula ‘me rompo el culo’. Tem a conotação de sacrifício, de ‘dedicação suada’, esforço que atinge as entranhas do ser humano. A simples tradução para quebrar não representa adequadamente o sentido original. Melhor seria ‘me mato trabalhando’.

- *...sin caer en lo discursivo ni en las moralejas. (8)*
- ... sem cair no discursivo nem no moralismo.

Embora sendo termos parecidos, existem diferenças substanciais entre “moraleja”¹¹ e “moralismo”¹². Por outro lado, há enormes dificuldades para traduzir a expressão. Uma opção distinta poderia ser o uso de ‘...nem em aconselhamentos’.

- *Porque nuestro cuerpo y nuestra voz son, en definitiva, el vehículo de la narración, y uno necesita hacerla creíble. (8)*
- Porque nosso corpo e nossa voz são, em definitivo, o veículo da narração, e precisamos fazê-lo crível.

O original diz que o que é para fazer crível é a narração. Na tradução, o masculino ‘fazê-lo’ faz referência ao ‘veículo da narração’.

- *... em vez del solo hecho de haber llegado. (9)*
- ...ao invés de somente o fato de haver chegado.

¹¹ Moraleja: Lección o enseñanza que se deduce de un cuento, fábula, ejemplo, anécdota. (DRAE)

¹² Moralismo: Tendência a priorizar de modo exagerado a consideração dos aspectos morais na apreciação dos atos humanos. (Aurélio)

A expressão em português ficou estranha e não é muito usada. A frase é muito comum em espanhol - ‘*el solo hecho*’ tem 163 mil registros no *Google*, enquanto ‘*somente o fato*’ tem 573. Uma melhor tradução poderia ser ‘*só o fato*’ – 14 mil registros no *Google*.

- *El máximo goleador del torneo...* (1)
 - O maior goleador do torneio...

Apesar de o Brasil ser o país do futebol, a expressão ‘maior goleador’ é pouco usual (*Google*, sete registros), enquanto que é mais comum em espanhol (*Google*, 695 ocorrências). O tradutor poderia dispensar a palavra ‘maior’ sem prejuízo algum ao entendimento da frase.

- *No he dudado ni un momento en llegar a un acuerdo.* (1)
 - Não duvidei nenhum momento de que chegaríamos a um acordo.

Neste exemplo, o tradutor foi traído pela literalidade e deixou a frase confusa. O ideal teria sido ‘em nenhum momento duvidei de que chegaríamos a um acordo’.

2.3 – Erros diversos (18 ocorrências)

Sob a definição de “erros diversos” se pretende apontar todos os desvios não classificados anteriormente. Estes podem ser causados por vários fatores, tais como distração, pressa, desconhecimento ou desleixo do tradutor.

- *Me intriga todo lo que encaro.* (8)
 - Encaro tudo o que me intriga.

O texto de chegada inverte a frase, trocando o sentido.

- ...*consigue el milagro de transformar los peores aspectos de la naturaleza humana (...) en un espectáculo grandioso. (10)*

- ...consegue o milagre de transformar os piores aspectos na natureza humana (...) em espetáculo grandioso.

A tradução pode confundir o leitor ao colocar ‘na natureza’ no lugar de ‘da natureza’, podendo ser interpretado como a transformação de alguma coisa - ‘piores aspectos’ - em outra - ‘natureza humana’.

- *A veces añoro al joven impetuoso e irresponsable. (10)*

- Às vezes, sinto falta do jovem impetuoso e irresponsável.

‘Añorar’ é sinônimo de ‘sentir saudades’, por isso, a expressão ‘sentir falta’ não é correta na tradução.

- *Pero otros datos apuntaban a ETA. (4)*

- Mas outros dados confirmavam a autoria da ETA.

Aqui o tradutor afirma o que o texto deixa em dúvida. ‘Apuntar’ significa ‘indicar’ no sentido de suspeitar e não de confirmar, como usado no texto de chegada. Nesta frase, também fica evidenciado o ponto de vista do tradutor: na Espanha, na época do atentado, a autoria ou não da ETA era um assunto delicado e polêmico, diferentemente do Brasil, onde era possível colocar ‘confirmavam’ ao invés de ‘apontavam’.

- *Renée Zellweger no actúa como Bridget Jones cuando tiene una relación amorosa. (6)*

- Renée Zellweger não age como Bridget Jones quando está apaixonada.

A tradução correta seria ‘atua’ e não ‘age’, embora o sentido seja praticamente o mesmo.

- ...con un protagonismo gestual de sus personajes como nunca antes. (7)
 - ...com uma ênfase no textual de seus personagens como nunca antes.

O tradutor trocou ‘gestual’ por ‘textual’ distorcendo o sentido da frase.

- *Lo cual es un lío.* (7)
 - É um problema.

A melhor tradução de ‘es un lío¹³’ seria ‘é uma confusão’ e não ‘é um problema’.

- *La Navidad, a lo mejor, también es eso* (7)
 - O Natal, no fim, também é isso

A expressão ‘a lo mejor’ seria melhor traduzida se fosse ‘tal vez’ ou ‘quem sabe’.

- *Javier puede parecer el más y el menos indicado para esta película.* (8)
 - Javier pode parecer o ator mais ou menos indicado para o papel.

A tradução mais adequada seria ‘o mais e o menos indicado’, pois como foi publicado confunde o leitor e não apresenta o sentido original da fala.

- ... *crecí en un hogar donde siempre se ha hablado de todo...* (8)
 - ... cresci em um lugar onde se sempre se falou de tudo...

‘Hogar’ significa ‘lar’, razão pela qual a tradução para ‘lugar’ não é adequada.

¹³ Lío: 1. m. Porción de ropa o de otras cosas atadas.
 2. [m.]fig. y fam. embrollo, confusión.
 3. [m.]fig. y fam. Barullo, gresca, desorden.
 4. [m.]fig. y fam. amancebamiento. (DRAE)

- ...*en la piel de un exitoso americano secuestrado a plena luz del dia.* (9)
 - ...na pele de um advogado de sucesso seqüestrado em plena luz do dia.

No texto de chegada foi trocada uma informação. Se por um lado, acrescenta um dado ('advogado'), por outro, omite uma informação importante ('americano'). O jornalista- tradutor pode ter acrescentado a informação pelo seu conhecimento particular sobre os dados do filme.

- *Para mí, las películas de altos presupuestos siempre vienen con un peso extra.* (9)
 - Para mim, os filmes de altos investimentos vêm com um peso extra.

A tradução correta de 'presupuesto' é 'orçamento', e não 'investimento', embora neste caso não faça maior diferença no entendimento da frase.

- *No estoy buscando agresivamente un nuevo film.* (6)
 - Não estou buscando loucamente fazer um novo filme.

'Agresivamente' foi substituído por 'loucamente' prejudicando o significado da frase. Não haveria problema algum em usar na tradução 'agressivamente'.

- *En realidad, hice muchos amigos y amigas en la calle.* (6)
 - Na verdade, conheci muita gente na rua.

O mais adequado seria 'fiz muitos amigos e amigas'.

- *Las cosas simples son las que tienen éxito.* (1)
 - As coisas simples são as que dão certo.

O tradutor optou por refazer a frase, mas esta ficou estranha. Poderia ter traduzido literalmente 'são as que têm éxito', mas o vocábulo é menos usado no português do que no

espanhol. Uma pesquisa no Google mostra que ‘el éxito’ tem 901 mil registros, enquanto que ‘o éxito’ tem 96 mil. O melhor teria sido: ‘As coisas simples são as que fazem sucesso’.

Aburrir/aburrido:

Existe uma extrema dificuldade em traduzir o termo “aburrir”¹⁴ ou “aburrido” para o português. Isso fica claro no levantamento feito neste estudo. Por esse motivo, é que se faz necessário um aprofundamento maior dos problemas envolvendo esta palavra tão comum no espanhol. Portanto, serão apresentados alguns exemplos encontrados neste estudo e colocadas sugestões para a correta tradução desta palavra.

Segundo o *Diccionario da Real Academia Espanhola*, ‘aburrir’ é, entre outras acepções, “sufrir un estado de ánimo producido por falta de estímulos, diversiones o distracciones. Molestar, cansar, fastidiar.” A expressão está diretamente ligada a tédio. Porém, nas traduções analisadas aparece como ‘chatear’ e ‘aborrecer’, o que não expressa o sentido do original.

- ... a mí lo que más me aburre es dibujar. (7)

- ... o que mais me chateia é desenhar.

A tradução por ‘chatear’, não representa exatamente o termo, já que pode ser confundido com aborrecimento, desgosto, contrariedade. O mais adequado na tradução desta frase seria: “o que mais me provoca tédio é desenhar.”

- Una dibujante que se aburre dibujando es una paradoja horrenda. (7)

- Uma desenhista que se entedia desenhando é um horrendo paradoxo.

¹⁴ **Aburrir** (DRAE): 1. tr. Molestar, cansar, fastidiar.

2. [tr.]fam. Exponer, perder o tirar algo, estimándolo en poco. Se usaba especialmente hablando del tiempo perdido o del dinero malgastado.

3. [tr.]aborrecer, abandonar algunos animales los huevos o las crías.

4. [tr.]ant. aborrecer, odiar.

5. prnl. Fastidiarse, cansarse de alguna cosa, tomarle tedio.

6. [prnl.]Sufrir un estado de ánimo producido por falta de estímulos, diversiones o distracciones.

O tradutor recupera o correto sentido de “aburrir”. Este exemplo não se enquadra como desvio ou diferença, é citado apenas como referência de correta tradução.

- *Es que hablar de uno mismo es aburridísimo. (8)*

- É que falar de si mesmo é chatíssimo.

A expressão “chato”¹⁵ tem vários significados que não necessariamente têm relação com tédio. O correto seria: ‘É que falar de si mesmo é entediante’.

- *Sin incentivos, uno se aburre. (9)*

- Sem incentivos, se torna aborrecido.

Embora “aborrecer”¹⁶ também está relacionado a tédio, o termo é mais usado como sinônimo de “desgosto”. Uma opção mais adequada poderia ser: ‘Sem incentivos, a gente fica entediada’.

2.1 - Análise dos dados apontados na classificação

No presente estudo foram analisados 10 textos jornalísticos e apontados 74 desvios entre original e tradução. Desse total, 18 mudanças (24%) são da tradução da *Folha de S.Paulo*, e 56 (76%) do *Diário Catarinense*. Nesta análise é importante lembrar que os textos da *FSP* somam 22,5 mil caracteres incluindo o espaço, enquanto os do *DC* chegam a 27,3 mil caracteres com espaço, ou seja, 20% a mais de palavras que a *Folha*.

A seguir, é apresentado um quadro que resume o número de ocorrências na classificação dos desvios apontados nesta investigação:

¹⁵ **Chato (Aurélio):** 1. Sem relevo; liso, plano.

2. Fig. Sem elevação; rasteiro.

3. Pop. V. maçante (1).

4. Fig. Sem elegância; vulgar

¹⁶ **Aborrecer (Aurélio):** Sentir horror a; abominar. Causar aborrecimento a; desgostar. Apoquentar. Causar horror, aversão, tédio, aborrecimento, enfado.

Adaptação: 39 ocorrências (53% do total de desvios)

- Omissão: 14 ocorrências (19%)
 - Omissão por dificuldade de tradução (quatro ocorrências – 6%)
 - Omissão de advérbios e adjetivos (sete ocorrências – 9%)
 - Omissão simples (três ocorrências - 4%)
- Adição: 16 registros (21%)
 - Adição com adaptação à cultura de chegada (quatro ocorrências – 5%)
 - Adição de informações de cultura geral (quatro ocorrências – 5%)
 - Adição de informações de conhecimentos específicos (cinco ocorrências – 7%)
 - Adição de informações desconhecidas (três ocorrências – 4%)
- Mudança na narrativa: seis ocorrências (8%)
 - Abolição de metáforas (três ocorrências – 4%)
 - Redução da frase (três ocorrências – 4%)
- Correção do texto fonte: três ocorrências (4%)

Erros: 35 ocorrências (47%)

- Falsos amigos: oito ocorrências (11%)
- Tradução literal equivocada: nove ocorrências (12%)
- Erros diversos: 18 ocorrências (24%)

2.1.1 - Adaptação

As maiores divergências entre a língua de partida e de chegada foram encontradas sob a forma de “adaptação” (39 casos), representando 53% de todos os desvios. A adição de informações no texto traduzido é o mais utilizado pelo tradutor, com 16 registros (21%). Na seqüência, se encontra a omissão de determinados dados do texto original, com 14 incidências (19%), seguidos por “mudanças na narrativa”, com seis registros (8%), e “correções do texto original”, três (4%).

- Omissão

Quando se trata de “omissão”, os principais registros encontram-se na ausência de advérbios, adjetivos, verbos e conjunção na língua de chegada e que existem no original (sete registros ou 9% do total de desvios). Esta característica pode ser atribuída à tentativa do tradutor-jornalista em deixar o texto mais direto e objetivo, seguindo os padrões jornalísticos de síntese e facilidade de leitura. Este tipo de omissão, porém, provoca perdas importantes já que expressões como ‘creo’, ‘todavía’ e ‘incluso’ podem modificar radicalmente o significado de uma frase.

Em segundo lugar nesta classificação se encontra a ‘omissão por dificuldade de tradução’ (quatro registros, 6%). Estes desvios aconteceram provavelmente pela dificuldade em traduzir determinados termos, seja pela falta de similares na língua de chegada ou pelo desconhecimento do significado original, como a gíria argentina ‘patovica’. Pressionado pelos rígidos horários e pela sobrecarga de trabalho, o jornalista-tradutor omite a palavra, supostamente entendendo que isso não significa uma perda expressiva na tradução. Na classificação de ‘omissão’ também houve três registros de ‘omissão simples’, representando 4% dos desvios.

- Adição

As 16 ocorrências no item ‘adição’, representam o maior percentual na subdivisão ‘adaptação’, com 21% dos registros. Isto pode significar que o texto jornalístico traduzido precisa de uma complementação maior de informações para ficar claro para o leitor da língua de chegada. A justificativa pode estar nas características do texto jornalístico apontadas na página 8 deste estudo, entre elas a existência de informações subentendidas graças à familiaridade do leitor com os assuntos abordados pelo ‘seu jornal’. Também é uma particularidade do texto jornalístico o uso do léxico local que muitas vezes não pode ser

traduzido apenas por outro termo similar, mas que precisa de uma ampliação de informações como, por exemplo, para situar algum lugar geográfico onde ocorreu um fato.

As ocorrências estão distribuídas equilibradamente entre as quatro subdivisões. “Adição com adaptação à cultura de chegada” (quatro ocorrências – 5%); “Adição de informações de cultura geral” (quatro ocorrências – 5%); “Adição de informações de conhecimentos específicos” (cinco ocorrências – 7%) e “Adição de informações desconhecidas” (três ocorrências – 4%)

Há, porém, mais incidências na ‘Adição de informações de conhecimentos específicos’, o que prova que o jornalista-tradutor usa com frequência sua bagagem de conhecimentos gerais e os aplica com sucesso a questões específicas. Desta forma, poderia se rebater a ‘máxima’ que incomoda os profissionais da imprensa: de que o jornalista é um especialista em generalidades.

- Mudança na narrativa:

Das seis ocorrências - 8% dos 74 desvios apontados neste estudo – houve uma divisão equilibrada entre “Abolição de metáforas” (três ocorrências – 4%) e “Redução da frase” (três ocorrências – 4%). Os dados mostram que a mudança na narrativa original é utilizada pelo jornalista-tradutor com o objetivo de ‘remover o entulho’, como aponta Nilson Lage (1990, p. 35), deixando o texto mais claro e direto, sem informações dúbias.

- Correção do texto fonte:

Foram contabilizadas três ocorrências (4% do total) de correções do texto original. Como o texto jornalístico caracteriza-se pela exatidão das informações divulgadas, o jornalista considera-se livre e autônomo para corrigir dados equivocados do texto de partida, oferecendo um ótimo serviço ao leitor, mesmo se desrespeitando a frase do autor original.

2.1.2 - Erros

Foram identificadas 35 ocorrências de erros – representando 47% de todos os desvios.

- Falsos amigos:

Erros de ‘falsos amigos’ puderam ser identificados oito vezes (11%), o que mostra a ameaça que representa a suposta facilidade da língua espanhola para um brasileiro. Provavelmente a familiaridade com os termos leve o tradutor-jornalista a usar a mesma expressão ou palavra do original, ignorando que na língua de partida significa algo diferente.

- Tradução literal equivocada:

Foram identificadas nove ocorrências (12%) de traduções literais equivocadas. Um termo é traduzido literalmente, mas o sentido tem um significado diferente do que no original. O motivo para o número expressivo de incidências pode ser atribuído à falta de revisão do texto de chegada, já que o tradutor, tendo o português como língua nativa, não deixaria passar certos termos que são pouco utilizados na sua língua. A palavra ‘soa’ parecida num primeiro momento, porém, não resiste a uma revisão mais detalhada dentro do contexto da narrativa. Novamente a ‘tirania do tempo’ dentro da imprensa volta a atacar, deixando prejuízos no texto traduzido.

- Erros diversos:

Pelo fato de não se encaixar numa classificação determinada, ‘erros diversos’ foi o item que teve a maior incidência, 18, totalizando 24%. Estes equívocos podem ser causados por fatores como pressa, desconhecimento ou desleixo do tradutor, o que mostra que o

jornalista sob a pressão do ‘deadline’, ou por falta de capacitação, pode comprometer significativamente o sentido original do texto publicado.

Conclusão

Ao começar a síntese das conclusões parciais desta pesquisa, é importante retomar algumas considerações feitas no início da investigação.

A tradução de textos jornalísticos em jornais no Brasil é feita basicamente de duas maneiras. Uma mais ‘artesanal’, realizada como atividade secundária por jornalistas que têm como função principal a produção e edição de textos em português. É o caso do *Diário Catarinense*. A outra forma de tradução nos jornais é aquela em que o periódico contrata um profissional com conhecimentos específicos de tradução, que faz dessa tarefa a sua principal atividade. É o caso da *Folha de S.Paulo*, que atualmente tem como tradutor Luiz Roberto Mendes Gonçalves, com experiência em redações de jornais e revistas, mas que hoje se dedica exclusivamente à tradução de textos.

Dos 74 desvios apontados neste levantamento, 58 deturparam o sentido original do texto e serão chamados aqui de “desvios negativos”. Os outros 16 desvios beneficiaram o leitor, já que ajudaram para um melhor entendimento do texto e serão chamados “desvios positivos”. Estes últimos aparecem distribuídos na classificação deste estudo em 13 adições (“Adição com adaptação à cultura de chegada”, “Adição de informações de cultura geral”, “Adição de conhecimentos específicos”), havendo também três registros de “Correção do texto fonte”. Dos 16 “desvios positivos”, 12 foram encontrados no DC e quatro na Folha de S.Paulo.

Assim, as diferentes estratégias de tradução se refletem na qualidade do texto final. De um total de 58 “desvios negativos” verificados na análise dos textos, a maioria, 44, apareceu nas matérias do DC, representando 76% das ocorrências. Na Folha foram 14 desvios, o que significa 24% do total. Estes dados falam por si só, mostrando que um tradutor profissional tem mais possibilidades de evitar perdas na tradução do que um jornalista que faz o serviço como atividade secundária.

Sobre o recorte teórico adotado nesta pesquisa, pode-se destacar a contribuição do trabalho de Frank Esser, Christiane Nord e Lawrence Venuti. Tomando em consideração o poder de formador de opinião da imprensa, os prejuízos de uma tradução infiel se tornam maiores quando os fatos noticiosos são supranacionais, como os textos avaliados neste estudo. Assim confirma-se o argumento de Zipser, de que o público receptor de uma outra cultura fica mais propenso a aceitar de forma acrítica o enfoque dado pelo jornalista-emissor. Isso se deve ao fato do leitor, na maioria das vezes, não ter o conhecimento suficiente das circunstâncias histórico-sociais e ideológicas que culminaram na notícia.

Nos textos jornalísticos há uma tendência ao automatismo e à literalidade. A principal técnica usada nas matérias analisadas nesta pesquisa é a tradução literal, palavra por palavra, mantendo rigorosamente a ordem sintática dos elementos do espanhol e preservando os mesmos períodos do original.

O fato de considerar a tradução fácil, pela semelhança entre as duas línguas, faz com que o jornalista-tradutor cometa deslizos, podendo utilizar expressões não consagradas em português. Os textos analisados revelam que a maior dificuldade e uma das principais ameaças à fidelidade são os ‘falsos amigos’. Estes provocam prejuízo ao leitor ao utilizar uma linguagem que nem sempre é adequada, o que compromete a compreensão do texto.

O uso da tradução parcial é muito freqüente nos jornais. Nela deixam de ser traduzidas partes do texto original em consequência da diminuição do espaço para a notícia na língua de chegada. Na maioria dos textos aqui analisados, o texto de chegada era menor que o texto de partida, havendo uma maior incidência de ‘omissão’.

Nesta pesquisa foi comprovada também uma maior incidência da tradução direta, em que a passagem da língua de partida para a língua de chegada é feita sem muita elaboração ou mudança de forma. Esta forma de transcrever o texto fonte se contrapõe à tradução oblíqua, que envolve mudanças formais das estruturas lingüísticas e atém-se mais ao conteúdo e estilo.

A adaptação (uma maneira de recriar) é uma das formas mais utilizadas nas traduções de textos jornalísticos. A maioria dos textos analisados reúne as condições para a adaptação, seja pela ausência de equivalentes ou pela inadequação situacional. Muitas das ‘adições’ registradas nos textos analisados ajudam na compreensão da notícia. Esses dados extras são consequência do ‘filtro cultural’ apontado por Esser e por Nord, no qual o tradutor observa o texto-fonte através dos ‘óculos’ da cultura de chegada. A influência desse ‘filtro cultural’ é maior quanto mais próximo o tradutor estiver do seu leitor-alvo. É o caso dos tradutores aqui analisados, que fazem parte da cultura de chegada, facilitando a percepção do tipo de texto-meta que melhor se identifica com o receptor.

A influência cultural apontada por Frank Esser é registrada sutilmente na ‘adaptação’ utilizada pelos tradutores analisados. Algumas características do jornalismo brasileiro, como os procedimentos nas redações, a tradição na imprensa e a política da mídia, acabam sendo significativas para a tradução, favorecendo a compreensão do texto, mas também abrindo espaço para desvios causados pela falta de ‘intimidade’ com a língua-fonte. Como já foi mencionado nesta pesquisa, de acordo com Esser, o pesquisador num contexto estrangeiro tende a partir de seus próprios parâmetros (de sua cultura e conhecimento da situação), na análise das circunstâncias e fatos, o que pode provocar perdas na tradução. Estes desvios ficaram evidenciados na classificação apontada anteriormente.

Também podemos concluir que a ‘invisibilidade do autor’, apontada por Venuti, pode ser identificada nos textos analisados nesta pesquisa a partir do momento em que o jornalista-tradutor fica sujeito a processos de decisões sobre a apresentação dos fatos noticiosos. O tradutor é obrigado a escolher entre um determinado número de alternativas numa série de situações consecutivas. Essas escolhas sofrem a influência da publicabilidade, segundo a ideologia dominante, baseada na vivência pessoal do autor e reforçada pelos ‘anseios’ dos donos dos meios de comunicação.

Ao traduzir, o jornalista visa a ‘fluência’ do texto, baseada na consumibilidade do produto. As modificações verificadas na língua-meta, como adição e omissão, permitem uma leitura mais fluente, deixando a tradução mais ‘bem-sucedida’. Dando maior visibilidade ao autor original, o leitor de jornal encara o texto como se fosse o original, ignorando o tradutor.

Neste estudo ficou demonstrada apenas uma sutil incidência de filtros ideológicos e culturais nas traduções, contrariando a expectativa inicial desta pesquisa. Os principais desvios, na verdade, são em consequência da falta de conhecimento profundo do idioma espanhol e também pela pressa característica da atividade jornalística.

Apesar de existirem outras maneiras de classificar os desvios, o autor desta pesquisa adotou uma classificação própria, por considerá-la mais adequada, direta e simples.

Como se pode observar, esta pesquisa foi construída em complementação à própria experiência deste autor nas redações de jornal, sendo estruturada e embasada pela teoria nas áreas de jornalismo e tradução. A reflexão feita neste trabalho procurou contemplar os objetivos descritos na Introdução e que são retomados com seus devidos comentários:

O primeiro objetivo foi assim formulado: *contribuir com o aperfeiçoamento da tradução na área jornalística, apontando os principais problemas na tradução jornalística do espanhol para o português*. Esta meta foi alcançada a partir da demonstração das características do trabalho jornalístico, como a pressa e o automatismo, que dificultam a atividade de traduzir. Também foram mostrados os fatores de influência na tradução nos meios de comunicação, que determinam a qualidade do texto final.

O segundo objetivo era *identificar os conceitos específicos da cultura hispânica que causam maior confusão ao tradutor*. Ao longo da análise, foram apontados termos que repetidamente provocam desvios, como os ‘falsos amigos’ ou os termos freqüentemente usadas no espanhol e que não têm um correspondente em português como, por exemplo, ‘aburrir’.

Quanto ao terceiro objetivo, *colaborar para reduzir a lacuna de estudos existente sobre tradução de textos jornalísticos*, esta pesquisa comprovou a existência de uma falta de bibliografia específica para tradução jornalística, trabalhos que pudessem estabelecer relações diretas entre imprensa e tradução. Isso reforçou a hipótese de que haveria um consenso de que este tipo de tradução fosse similar à de qualquer outro tipo de texto. O que acabou não se confirmando. A tradução jornalística tem as suas peculiaridades específicas que aqui foram apontadas.

O quarto objetivo proposto nesta pesquisa, *desenvolver um instrumental para classificar os principais desvios na tradução de textos jornalísticos*, foi atingido com a enumeração das principais mudanças ocorridas na língua de chegada. Esta classificação tomou como base as teorias já desenvolvidas sobre o assunto, mas foi recriada tomando em consideração as características da tradução jornalística e os principais desvios nesta atividade.

O objetivo seguinte era *obter subsídios teóricos e práticos na área de tradução, com o objetivo de desenvolver investigações na área, aprofundando os conhecimentos num futuro doutorado*. Este levantamento indica a necessidade de novas pesquisas que propiciem uma maior inserção entre jornalismo e tradução e permitam aperfeiçoar a qualidade dos textos jornalísticos.

Ao serem analisadas as soluções propostas pelos tradutores ao lidarem com semelhanças e diferenças lingüísticas e culturais dos textos fontes e de chegada é possível verificar que os descuidos na tradução de textos jornalísticos podem ter efeitos nocivos para o leitor. Esses prejuízos se tornam claros pelo fato de o leitor usar a informação para, entre outras coisas, interagir com outras pessoas, fazer contatos e estabelecer estratégias pessoais e profissionais. Se uma parte da informação não é correta, há um prejuízo inevitável para os leitores já que, na maioria das vezes, as pessoas não questionam a veracidade das notícias veiculadas nos jornais, além de poucas vezes comparar a informação com outro periódico.

Estas conclusões vão ao encontro do último e, quem sabe, mais importante objetivo desta pesquisa: *cooperar para que o leitor de jornal possa ter uma informação confiável e clara*. Esta meta pode ter sido alcançada com a identificação dos problemas nos textos analisados, desde que gere nos agentes de comunicação um questionamento sobre as conseqüências de uma tradução incorreta, o que incentivará o aperfeiçoamento da qualidade da tradução, beneficiando automaticamente o leitor.

Referências bibliográficas

BAKER, Mona. *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London & New York: Routledge. 1998.

BASSNETT-MCGUIRE, Susan. *Translation studies*. London: Methuen, 1980.

(*Apud* Bassnett-McGuire - POPOVIC, Anton, *Dictionary for the Analysis of Literary Translation* – Dept. of Comparative Literature, University of Alberta, 1976)

CAMARGO, Diva Cardoso de. *Uma análise de semelhanças e diferenças na tradução de textos técnicos, jornalísticos e literários*. *DELTA*. [online]. Jan/Jun 2004, vol.20, no.1. p.1-25.

Acesso em 15/4/2005.

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502004000100001&script=sci_arttext&tling=pt

CHAIA, Vera. *Jornalismo e política: escândalos e relações de poder na Câmara Municipal de São Paulo*. São Paulo: Hacker, 2004.

DUARTE, Aparecida Cristina. *Diferencias de usos gramaticales entre Español / Portugués*. Madrid: Editora Edinumen, 1999.

GENRO, Adelmo. *O segredo da pirâmide, para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Editora Ortiz S/A, 1997.

HERNANDO, Bernardino M. *Traducción y periodismo o el doble y misterioso escepticismo*. Madrid, 2000. Site: http://www.ucm.es/info/emp/Numer_05/5-4-Inve/5-4-3.htm (Acesso em 15/3/2005)

LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. São Paulo, Ática, 1990.

MORTARA, Marcella. *A Armadilha da Facilidade*. In: *Limites da Traduzibilidade*. Org: Luiz Angélico da Costa. Editora da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1996.

NORD, Christiane. *Text Analysis in Translation – Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis* – Rodopi: Amsterdam – Atlanta, GA, 1991.

OSIMO, Bruno. *Traducción periodística*. Milão, 2000.

http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.cap_4_27?lang=es (Acesso em 20/3/2005)

ROSSI, Clovis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SINCLAIR, John. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford University Press, 1991.

SOUSA, Jorge Pedro. *Teoria da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.

VÁZQUES-AROYA, Gerardo. *Introducción a la Traductología*. Washington, Georgetown, University Press, 1977.

VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor*, tradução de Carolina Alfaro, em *Palavra 3*. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.

WOLF, Michaela. *Translation as a process of power: Aspects of cultural anthropology in translation. In: Translation as Intercultural Communication*. Amsterdam/Philadelphia, Snell-Hornby, 1995.

ZIPSER, Meta Elisabeth. *Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural*. (Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) São Paulo, 2002.